



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS PORTO NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

JHOICI PAULINA DE OLIVEIRA

NORMA LINGÜÍSTICA NA TEORIZAÇÃO DE EUGENIO COSERIU

PORTO NACIONAL/TO

2022

Jhoici Paulina de Oliveira

NORMA LINGUÍSTICA NA TEORIZAÇÃO DE EUGENIO COSERIU

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Letras.

Área: Estudos Linguísticos

Orientador: Dr. Daniel Marra da Silva

PORTO NACIONAL/TO

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- O48n Oliveira, Jhoici Paulina de.
 Norma linguística na teorização de Eugenio Coseriu. / Jhoici Paulina de
 Oliveira. – Porto Nacional, TO, 2022.
 59 f.

 Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
 – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Pós-Graduação
 (Mestrado) em Letras, 2022.
 Orientador: Daniel Marra da Silva

 1. Norma. 2. Coseriu. 3. Saussure. 4. Historiografia linguística. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

NORMA LINGUÍSTICA NA TEORIZAÇÃO DE EUGÊNIO COSERIU

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional, como requisito parcial para obtenção de título de Mestra em Letras.

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Daniel Marra da Silva (PPG-Letras/UFT)
Orientador e Presidente

Professora Dra. Tânia Ferreira Rezende (PPGLL/UFG)
Membro Externo

Professora Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger (PPG-Letras/UFT)
Membro Interno

PORTO NACIONAL-TO

2022

Dedicatória

Dedico este trabalho a todas as pessoas que traçaram metas para suas vidas e nunca desistiram de cumpri-las, mesmo diante de ventos contrários.

Epígrafe

Cuidado com gente que não tem dúvida. Gente que não tem dúvida não é capaz de inovar, de reinventar, não é capaz de fazer de outro modo. Gente que não tem dúvida só é capaz de repetir.

(Mário Sérgio Cortella)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela saúde e pelas vitaminas de força de vontade que me deu diariamente, durante este percurso.

Agradeço meus pais, Valdecir e Edna, pelo apoio incondicional, em todos os âmbitos da minha vida.

Agradeço a minha filha, Laura, que é meu porto seguro e meu amparo.

Agradeço ao meu Professor Orientador Dr. Daniel Marra da Silva, por cada ensinamento a mim dado, pela paciência e incentivo.

Às professoras Dra. Tânia Ferreira Rezende e Dra. Karylleila dos Santos Andrade Klinger, pela leitura deste trabalho na qualificação e por comporem minha banca de defesa.

Aos meus colegas do curso de Mestrado, que segurou a minha mão, durante o trajeto, principalmente Juliana Macedo, que me ajudou a ingressar no programa.

Enfim, a cada amigo que me ajudou de alguma forma durante esse período, principalmente os que não me permitiram desistir, mesmo diante das atribulações.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado investiga o conceito de norma linguística amplamente conhecida no campo da linguística e tributária ao linguista romeno Eugenio Coseriu. Com esse objetivo e com o auxílio do método da historiografia linguística analisa esse conceito evidenciando suas fontes, motivações e descrevendo a forma como o autor o reelabora a partir de sua discordância com dicotomia língua e fala de Ferdinand de Saussure. Coseriu estabelece a noção de norma como um elemento de ligação entre a dicotomia saussuriana, definindo-a como um sistema de realizações obrigatórias, de imposições culturais, que varia de acordo com a comunidade. Logo, a norma é concebida como a realização coletiva do sistema, enquanto a fala é a realização individual e concreta da norma. Assim, Coseriu redefine a dicotomia língua e fala no conceito tripartite sistema, norma e fala como uma tentativa de superar as limitações da teorização saussuriana. O embate teórico mais notório nesse processo de reelaboração desse conceito é o que Coseriu estabelece com Saussure, mas uma motivação não tão aparente e pouco divulgada surge do contato de Coseriu com as distinções esquema/sistema, norma e uso de Louis Hjelmslev. Além de evidenciar as fontes de Coseriu para a reelaboração do conceito de norma, esta dissertação busca responder por que Coseriu recupera e reelabora um conceito que o próprio Hjelmslev já havia abandonado e rejeitado. Como esta dissertação evidencia, Coseriu não apenas recupera e reelabora conceito de norma, mas faz dele um conceito chave de sua teoria linguística e pelo qual será sempre lembrado.

Palavras-Chave: Norma, Coseriu, Saussure, Hjelmslev, historiografia linguística.

ABSTRACT

This master's dissertation investigates the concept of linguistic norm widely known in the field of linguistics and tributary to the Romanian linguist Eugenio Coseriu. With this objective and with the aid of the method of linguistic historiography, it analyzes this concept, highlighting its sources, motivations and describing the way in which the author reworks it from his disagreement with Ferdinand de Saussure's language and speech dichotomy. Coseriu establishes the notion of norm as a link between the Saussurean dichotomy, defining it as a system of obligatory accomplishments, of cultural impositions, which varies according to the community. Therefore, norm is conceived as the collective realization of the system, while speech is the individual and concrete realization of the norm. Thus, Coseriu redefines the language and speech dichotomy in the tripartite concept system, norm and speech as an attempt to overcome the limitations of Saussurian theorization. The most notorious theoretical debate in the process of re-elaboration of this concept is the one Coseriu establishes with Saussure, but a not so apparent and little publicized motivation arises from Coseriu's contact with Louis Hjelmslev's schema/system, norm and use distinctions. In addition to highlighting Coseriu's sources for the re-elaboration of the concept of norm, this dissertation seeks to answer why Coseriu recovers and re-elaborates a concept that Hjelmslev himself had already abandoned and rejected. As this dissertation shows, Coseriu not only recovers and re-elaborates the concept of norm, but makes it a key concept of his linguistic theory and for which he will always be remembered.

Keywords: Norm, Coseriu, Saussure, Hjelmslev, linguistic historiography.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Objetivo Geral.....	12
1.1.1 Objetivos Específicos	12
1.2 Justificativa.....	12
1.3 Metodologia	14
1.4 Organização dos capítulos.....	16
2 EUGENIO COSERIU: VIDA E OBRA.....	18
2.1 Coseriu e Saussure: disputa teórica sobre o objeto da linguística.....	23
3 O CONCEITO DE NORMA LINGUÍSTICA.....	30
4 OS FATOS GRAMATICAIIS DA NORMA.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Eugenio Coseriu nasceu no ano de 1921, na pequena cidade de Mihăileni, na época pertencente à Romênia e hoje parte da República da Moldávia, e faleceu no ano de 2002, em Tübingen, na Alemanha. Depois de deixar a Romênia, Coseriu residiu em vários países, como Itália, onde doutorou-se em Linguística e Filosofia, Uruguai, onde assumiu uma vaga como professor na Universidad de La Republica e criou o departamento de linguística naquela universidade, e, por último, Alemanha, depois de deixar o Uruguai em 1963 e assumir uma cadeira de filologia românica na universidade de Tübingen, cadeira que presidiu até sua morte em 2002.

Esse fato explica o porquê de a maior parte da produção intelectual desse autor estar escrita nas línguas desses três países, mas principalmente em espanhol, língua que Coseriu elegeu para divulgar sua teoria científica. Dentre suas formações acadêmicas, destaca-se a filologia, campo de estudo que abriu caminho para que aprofundasse no estudo da historicidade da língua. Coseriu não foi discípulo de Ferdinand de Saussure, porém as teorias deixadas pelo mestre genebrino serviram de base para suas teorias, que ele desenvolve por acreditar que a teoria e os conceitos saussurianos quanto não equivocados eram insuficientes.

Adotando a ideia de que “a linguagem funciona pelos falantes, e não pelos linguistas” (COSERIU, 1993. p 29), Coseriu percorreu os caminhos da teoria da linguagem, desenvolvendo teorias e confrontando duramente algumas ideias linguísticas que considerava inadequadas, fosse de Saussure, num primeiro momento, ou de Chomsky, em outro momento.

Dentre as principais reformulações do pensamento saussuriano, está a dicotomia língua e fala, que ele reelabora como sistema, norma e fala. Em seu ensaio “*Sistema, norma y habla*” (1952), Coseriu introduz o conceito que o tornaria célebre, o conceito de norma, que ele estabelece como uma conexão entre os conceitos de língua e fala de Saussure. Para entender a importância desse conceito, faz-se necessário entender o tipo de norma a que o linguista se refere. Não se deve confundir esse conceito com o de normatividade, que se relaciona com a norma gramatical prescritiva, padronizada por meio dos livros de gramáticas e ensinada nas escolas.

A norma tratada por Coseriu é a norma do que é normal em uma comunidade linguística. Fatos criados a partir de um sistema de possibilidades funcionais e repetidos pelos falantes de uma determinada região.

Nesse sentido, Carlos Eduardo Falcão Uchoa (2021) faz os seguintes esclarecimentos:

Este conceito de “norma normal” passou a pertencer à Linguística, sem mais o intento normativo-pedagógico. Coseriu distinguia, assim, língua, sistema funcional, de possibilidades, de norma, um sistema normal, um modo tradicional do agir verbal, o que se diz habitualmente numa comunidade, de determinado estrato social (UCHOA, 2021, p. 17).

Coseriu partia do princípio de que uma língua é propriedade de seus falantes. Associando essa ideia com a concepção saussuriana sobre a evolução da língua, em que tudo o que tem continuidade é passível de mudança, Coseriu desloca o foco de sua teoria da língua para fala. Ao desenvolver a teoria sobre norma, Coseriu também extingue o conceito de certo e errado numa língua, ressaltando que como a norma é determinada através das repetições comuns em uma comunidade linguística, deve-se avaliar como normal e anormal (estranho) aos ouvidos dos falantes.

Diante disso, a seguir apresenta-se os seguintes objetivos desta dissertação de mestrado:

1.1 Objetivo Geral

Analisar o conceito de norma de Eugênio Coseriu, evidenciando suas fontes, e descrevendo a forma como ele o reelabora, e demonstrando o status de sua teoria no âmbito da linguística geral.

1.1.1 Objetivos Específicos

- Analisar o conceito de norma de Eugênio Coseriu;
- Evidenciar as fontes desse conceito na linguística;
- Compreender as motivações para a reelaboração desse conceito;
- Demonstrar o status da teorização de Coseriu no âmbito da linguística geral.

1.2 Justificativa

O ano de 2019 foi sem dúvidas o mais difícil da minha vida. Fatores como divórcio, instabilidade financeira, problemas familiares de convívio e saúde me fizeram repensar os rumos que eu deveria tomar. Recomeçar sempre foi para mim a melhor opção. Mas por onde? Qual seria o ponto de partida para que eu aos 31 anos (em 2019) pudesse saber recomeçar?

Sou uma mulher de origens simples, da lavoura, de família tradicional do interior do Paraná, que foi criada com rigidez tanto na religião (católica), quanto no que se refere a manter as tradições familiares, agora se encontrava divorciada e precisando recomeçar.

Desistir nunca foi opção, já que agora além das responsabilidades da vida adulta, também tenho uma filha para criar.

Fui a primeira mulher da família a possuir um diploma de ensino superior. Saí da Faculdade Guaraí-FAG formada em Letras e pós-graduada em Língua Portuguesa e respectivas literaturas (brasileira, portuguesa e africana). Por que não ser este o ponto de partida? Voltar a estudar, me aperfeiçoar, já que desde que conclui os estudos em 2010 (por ter me casado e sido aprovada num concurso municipal), não estudei mais.

E foi aí que o Mestrado entrou na minha vida. Fui incentivada pela amiga Juliana Macedo a ingressar no programa. Fiz o processo seletivo como pesquisadora de literatura. Mas no fundo não era o que eu queria. Solicitei a mudança de área de pesquisa e passei ser aluna dos estudos linguísticos. Fui aprovada, mas sem professor orientador. Fui informada de que não haveria problema, que eu poderia me dedicar às disciplinas e que no decorrer, o coordenador do programa me auxiliaria a encontrar um orientador.

Até que um dia, numa aula de Sociolinguística, o professor Daniel Marra contou que estava à procura de alguém que se interessasse em pesquisar sobre a *norma linguística*, na concepção de Eugenio Coseriu. Por que não? Aceitei imediatamente por dois motivos: eu já havia recusado outro professor como orientador por não me identificar com o tema proposto por ele e porque este pareceu ser um desafio que me envolveria. Embora até aquele momento não sabia muita coisa sobre o tema proposto pelo professor Daniel, iniciei as pesquisas para que eu pudesse seguir em frente.

Com o passar do tempo, as coisas foram melhorando, principalmente meu psicológico, emocional. Estudar, conhecer pessoas, debater ideias, conviver com pessoas do meio intelectual e profissional me reestabeleceram, principalmente no que se refere a autoestima. Eu estava mais segura e confiante. E não mais me constrangia em dizer que fui a primeira mulher da família a derrubar alguns tabus, como me divorciar ainda jovem.

Com o estudo sobre *norma linguística*, na concepção de Eugênio Coseriu, algumas problematizações permeavam minha mente. Nasci e vivi até os 13 anos no interior do Paraná, mais precisamente no noroeste do estado, e aprendi a falar e me expressar como as pessoas de lá. As pessoas do meu convívio não possuíam altos graus de escolaridade e pronunciavam o /r/ pós-vocálico de forma mais acentuada, em palavras como [pɔ.ɾta] e [ka.ɾta]

No ano de 2002, mudamo-nos para o interior do Tocantins e juntamente com isso veio o choque cultural e linguístico. Não apenas existiam diferenças fonológicas na minha fala em relação à dos nativos do estado, mas também mudanças semânticas se mostraram evidentes.

As palavras soavam de forma de diferente e significavam diferentemente. A partir daí uma preocupação passou a fazer parte da minha vida e da minha família. Precisaríamos a estar atentas às palavras que aqui no Tocantins tinham um significado pejorativo, como “moleque”, que para nós significava menino, guri, enquanto na região em que agora habitávamos significa malandro, trombadinha.

A *norma linguística* a que Coseriu se refere desmitifica essa problemática que habitava minha mente. Por que uma palavra ou expressão possuem significados e valor diferentes de um lugar para outro? Eu entendi que essas palavras e expressões foram criadas por indivíduos de uma comunidade de fala e foram repetidos coletivamente de forma que se tornaram a norma dessa comunidade e passaram a definir os limites de seu entorno linguístico, delineando a identidade linguística dos falantes.

A partir do exposto, assumi o compromisso de analisar o trabalho de Eugenio Coseriu em sua busca por definir e delimitar o conceito de norma linguística. Como será evidenciado nesta dissertação de mestrado essa definição surgiu a partir de seu descontentamento com a dicotomia língua/fala de Ferdinand de Saussure, o que o fez introduzir o conceito de norma como uma ligação entre esses dois conceitos.

1.3 Metodologia

Esta pesquisa fez uso do método da historiografia linguística pelo fato de ela permitir a interpretação das fontes históricas e mostrar como as teorias mudam, se desenvolvem, com o tempo, levando-se em consideração pontos de vista acerca de um determinado assunto. Isso revela a importância da historiografia linguística, pois ela permite através de seu instrumental teórico e metodológico compreender como concepções criadas no passado influenciaram as teorias linguísticas estabelecidas, revelando seu contexto histórico e as sociedades que foram determinantes para isso.

Sabe-se que tudo o que tem continuidade está sujeito a mudanças ao longo do tempo, ou seja, está sempre em desenvolvimento. Os historiadores, neste caso, exploram e interpretam as mudanças, bem como os fatores que contribuíram para este processo. Ao analisar as mudanças ao longo da história, muitas discussões são levantadas para que as teorias sejam desenvolvidas.

Logo, esta dissertação de mestrado busca respaldo na Historiografia Linguística, teoria que apresenta princípios para o fazer historiográfico na linguística. Ela investiga o registro linguístico construído ao longo da história, investiga teorias concebidas e defendidas por

linguistas, que assim como Eugenio Coseriu, refutava teorias ou se posicionava teoricamente. Marra (2009) fala sobre a importância do método da Historiografia para a investigação científica em Linguística:

A Historiografia Linguística, quando faz uso do método da Historiografia, busca compreender os fatores que exerceram influências no pensamento linguístico que possibilitou o surgimento de uma teoria e/ou a incorporação dessa teoria a determinadas práticas investigativas (MARRA, 2009, p. 10).

Konrad Koerner (1996, p. 45) argumenta que “a historiografia linguística, no sentido de modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios é de safra recente”. Isso porque sua consolidação como disciplina ocorreu apenas por volta da década de setenta do século passado, período em que se pode encontrar os primeiros registros de publicações voltadas para tal campo. Koerner diz que do historiógrafo da linguística requer-se uma postura de imparcialidade e de distanciamento diante do objeto estudado; bem como, de compreender esse objeto no contexto de desenvolvimento da ciência a que ele pertence:

Compete ao historiógrafo detectar, analisar e explicar estas mudanças, não ser iludido por aclamações de novidade, originalidade e criatividade, usualmente feitas pela geração imediatamente subsequente (KOENER, 1996, p. 63).

Koerner ainda realça que o historiógrafo linguista ao tratar de textos basilares da linguística deve analisá-los de acordo com o contexto da época, não interferindo com concepções e interpretações atuais:

Nenhum escritor consegue escapar da questão ao discutir teorias de períodos passados, na mesma medida em que se deve tentar, ao mesmo tempo, torná-las acessíveis ao leitor do presente e não distorcer sua intenção e significados originais” (KOENER, 1996, p. 57).

Para o desenvolvimento de um trabalho de historiografia linguística, Koener (1996) elenca princípios que subsidiam o caminho a ser percorrido pelo pesquisador.

O primeiro dos princípios conceituados por Koener é o princípio da contextualização, em que ele ressalta que as ideias não se formaram ou formam independentes do contexto histórico em que se vive. As ideias recebem influências de acordo a cada período em que se vive, sejam as influências políticas, sociais ou até mesmo econômicas.

O princípio da iminência diz respeito ao entendimento completo do texto linguístico em sob análise. Para isso, o pesquisador precisa se afastar de sua formação linguística individual, pois o quadro geral da teoria investigada deve ser definida internamente e não em referência à doutrina linguística moderna. Koener também chama tal princípio de clima de opinião, pois associa as teorias ao período em que foram desenvolvidas, estão sempre ligadas às influências e ao contexto histórico de determinado período.

Princípio da adequação teórica deve ser aplicado somente depois que os princípios da contextualização da imanência e estiverem firmemente estabelecidos. Em seguida, o investigador poderá atrever-se a introduzir seu procedimento analítico, fazendo uso de uma linguagem técnica e moderna.

Vale ressaltar que Koener considera que os historiógrafos podem deixar de lado a “boa fé”, como ele mesmo chama (p. 62), para se referir a outros autores aprovando-os ou não. O que pode acontecer de encontrar tais análises em textos de análises de forma superficial, e em alguns casos podem tentar reduzir a importâncias de certos autores renomados na história da teoria linguística. Para tais referências, Koerner nomeia tal atitude como argumento de influência.

Os princípios elaborados por Koener (1996) é a rota para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente no que se refere ao princípio da iminência, ou seja, primando pela imparcialidade, relatando os fatos investigados para, só então tomar parte em uma concepção, já que é de competência do historiógrafo “detectar, analisar e explicar” as mudanças ocorridas na teoria linguística, bem como compará-las de acordo a evolução construída durante o tempo.

Com base nos princípios estabelecidos por Konrad Koerner (1996), este trabalho investiga como Coseriu elabora sua concepção tricotômica língua, norma e fala, atribuindo à norma um *status* de elemento facilitador para os estudos da linguagem.

1.4 Organização dos capítulos

Esta dissertação de mestrado é constituída por 5 capítulos, organizados da seguinte maneira:

No Capítulo I, intitulado “Introdução”, apresenta-se um breve panorama da pesquisa, além dos objetivos pretendidos e justificativa. No Capítulo II, faz-se uma discussão sobre a vida e a obra de Eugênio Coseriu, que dedicou sua vida aos estudos linguísticos, atuando como professor, percorrendo algumas universidades pelo mundo, investigando as línguas e

divulgando suas concepções teóricas acerca da linguagem. No Capítulo III, trata-se da conceituação de norma por Coseriu. O linguista romeno via as concepções saussurianas como insuficientes para explicar a teoria da linguagem e reformulou a dicotomia língua e fala, inserindo a noção de norma como um elo entre ela. No Capítulo IV, apresenta-se os fatos gramaticais de norma, ou seja, traz exemplos da aplicação norma na comunidade linguística.

Como considerações finais, esta dissertação faz algumas considerações sobre a importância da teorização de Coseriu no contexto da linguística geral e sobre o porquê de sua teoria merecer ser colocada em debate mesmo depois de mais de meio século em que ela foi delineada. Traz também argumentos de que a obscuridade das teorias de Coseriu no âmbito da linguística geral se deve a barreiras linguísticas, a uma espécie de boicote acadêmico-ideológico e a erros estratégicos.

2 EUGENIO COSERIU: VIDA E OBRA

Como mencionado na introdução desta dissertação, busca-se aqui compreender os significados atribuídos a norma linguística e como Eugênio Coseriu reelabora esse conceito, tornando-o um conceito fundador de sua abordagem à linguística. Para isso, recorre-se não somente às obras e fontes desse autor, mas a sua biografia a fim de identificar como surgiu o seu interesse pela linguística e como ele se tornou um dos mais proeminentes linguistas da segunda metade do século XX, período em que ele elaborou os grandes temas que definem sua abordagem teórica.

Eugenio Coseriu nasceu em 21 de julho de 1921, na pequena cidade Mihăileni, na Romênia, (cidade que hoje pertence à República da Moldávia). Nessa cidade, ele fez seus estudos primários no período de 1926 a 1931. cursou o Ensino Médio em Bălți, entre os anos de 1931 a 1939, e realizou estudos universitários em Filologia Moderna e Direito, na Universidade de Iași, Romênia, entre os anos de 1939 e 1940. A partir de 1940, Coseriu mudou-se para a Itália onde aprofundou seus estudos em filologia, tendo estudado na universidade de Roma, onde obteve seu primeiro doutorado em Filologia (1940-1944) e na universidade de Milão, onde obteve o segundo título de doutorado, desta vez em Filosofia (1945-1949). Nesse período, Coseriu deu início a sua vida acadêmica como professor, lecionando romeno na universidade de Milão.

Em 1950, Coseriu mudou-se para o Uruguai, sendo admitido como professor de Linguística Geral e Linguística Indo-Europeia na *Universidad de la Republica* em Montevideo. Lá, ele desenvolveu suas mais influentes teorias sobre a linguagem, ganhando proeminência entre os linguistas sul-americanos e abrindo as portas para o desenvolvimento das pesquisas em linguística nesse continente; bem como, influenciando e apoiando as pesquisas linguísticas desenvolvidas no Brasil, que começavam a despontar (Cf. ALTMAN, 2017).

Em 1963, Coseriu mudou-se para a Alemanha, onde se tornou professor de Linguística Geral e Filologia Românica, na Universidade de Tübingen, permanecendo lá (exceto por algumas incursões como professor-visitante em várias universidades europeias) até sua morte em 2002. Durante mais de meio século de ativa produção intelectual, o linguista escreveu e publicou mais de cinquenta livros, além de centenas de artigos científicos em várias línguas e em várias partes do mundo, fato que o posiciona entre os mais influentes linguistas do século XX; destacadamente, no âmbito da Linguística Geral e

Românica.

Coseriu também se dedicou aos estudos de História e Filosofia da Linguagem, tendo travado diálogos epistemológicos fundamentais com os principais linguistas e filósofos da linguagem dos séculos XIX e XX; notadamente, com Wilhelm von Humboldt (1737-1835)¹, Georg von der Gabelentz (1840-1893)², Ferdinand de Saussure (1857-1913)³; além do

¹ Cf. "Über die Sprachtypologie Wilhelm von Humboldts. Ein Beitrag zur Kritik der sprachwissenschaftlichen Überlieferung", Beiträge zur vergleichenden Literaturgeschichte. Festschrift für Kurt Wais zum 65. Geburtstag, Tübingen, S. 107-135.

"Sulla tipologia linguistica di Wilhelm von Humboldt. Contributo alla critica della tradizione linguistica", LS 8, S. 235-266; italiana Übersetzung von Nr. 75, übers. von G. Cantarutti; abgedruckt in L. Heilmann (Hrsg.), Wilhelm von Humboldt nella cultura contemporanea, Bologna 1976, S. 133-164.

"Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft", Arnold Èikobavas (dabadebis 80 c'listavisadmi midzghvnili k'rebuli) (=Festschrift A. Èikobava), Tiflis, S. 20-29.

"Humboldt to gendaigengogaku", teilweise verkürzte japanische Übersetzung von Nr. 154, in: *Energiea*, 10, Tokyo, S. 74-81; mit Anmerkungen des Übersetzers; von Manabu Watanabe.

"Humboldt und die moderne Sprachwissenschaft", überarbeitete Fassung von Nr. 154; *Energiea und Ergon*, Bd. I, Schriften von Eugenio Coseriu, Tübingen, S. 3-11.

"Wilhelm von Humboldt und die Sprachtypologie", in: Kennosuke Ezawa, Wilfried Kürschner, Karl H. Rensch, Manfred Ringmacher (Hgg.), Linguistik jenseits des Strukturalismus. Akten des II. Ost-west-Kolloquiums Berlin 1998, Tübingen, S. 21-47.

"Humboldt-Spuren in der Sprachwissenschaft", in: Kennosuke Ezawa, Wilfried Kürschner, Karl H. Rensch, Manfred Ringmacher (Hgg.), Linguistik jenseits des Strukturalismus. Akten des II. Ost-west-Kolloquiums Berlin 1998, Tübingen, S. 125-143.

² Cf. 'Georg von der Gabelentz et la linguistique synchronique', Word 23 (Linguistic Studies Presented to André Martinet, I), S. 74-100; abgedruckt in: G. von der Gabelentz, Die Sprachwissenschaft, ihre Aufgaben, Methoden und bisherigen Ergebnisse. Durchgesehener Nachdruck der zweiten Auflage von 1901. Herausgegeben und mit einem Vorwort versehen von G. Narr und U. Petersen, Tübingen 1969, S. [5] - [40].

"Georg von der Gabelentz y la lingüística sincrónica", *RLA* 8, S. 15-64; spanische Übersetzung von Nr. 41, übers. von M. Bianchi und N. Cartagena.

"Georg von der Gabelentz e a Linguística Sincrônica". In: *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem: estudos de história da Linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

³ Cf. "Sincronía, diacronía y tipología", *Actas del XI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas*, Madrid 1965, I, Madrid, S. 269-281; 56.

"Georg von der Gabelentz e a Linguística Sincrônica". In: *Tradição e Novidade na Ciência da Linguagem: estudos de história da Linguística*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1980.

Synchronie, Diachronie und Typologie, Romanisches Seminar, Tübingen; deutsche Übersetzung von Nr. 44, übers. von U. Petersen; Abdruck in D. Cherubim (Hrsg.), *Sprachwandel. Reader zur diachronischen Sprachwissenschaft*, Berlin und New York 1975, S. 134-149.

Sincronía, diacronía e historia, Madrid, 2. erweiterte und verbesserte Auflage von Nr. 24; 3. Auflage 1978; Neudruck 1988.

"Determinare și cadru. Două probleme ale unei lingvistici a vorbirii", partielle rumänische Übersetzung von Nr. 21; in: *Lingvistică saussuriană și postsaussuriană. Texte adnotate*, hrsg. von L. Wald und E. Slave, Bukarest, S. 208-248; übers. von C. Dominte; mit Erläuterungen des Übersetzers (S. 234-248).

reconhecimento público da importância devida a outros linguistas e filósofos da linguagem como Sapir, Hjelmslev, Aristóteles, Vico, Hegel, Croce, Leibnitz. Em sua aproximação com os trabalhos desses autores, Coseriu trouxe à luz sua interpretação do pensamento deles: criticando, explicando, atualizando e reelaborando conceitos fundamentais da Linguística moderna, como sincronia, diacronia, sistema, norma, língua, fala, discurso, função, estrutura, variedade e variação linguísticas, tipologia, energeia, ergon, entre tantos outros. Conceitos criados e ou reelaborados que perpassam boa parte de sua discussão teórica.

Evidentemente, as releituras principalmente de Gabelentz, Saussure, Humboldt, foram terrenos férteis para as bases e consolidação da teorização coseriana. Não é novidade nenhuma afirmar que Coseriu foi um dos grandes linguistas do século XX. Um relance sobre sua vasta produção é suficiente para tal constatação. Uma busca rápida no *Google Scholar* dá a dimensão da importância do autor através da quantidade de citações recentes de suas obras.

Sabe-se da importância que o gênio intelectual de Coseriu desempenhou para o desenvolvimento da Linguística no século que se findou, coincidindo com a ocasião de sua morte em 2002. Conforme, testemunho divulgado pela Universidade de Tübingen (Cf. o Archiv), na década de 1970, o centro acadêmico em que Coseriu ensinava tornou-se o mais influente espaço para os estudos romanistas, causando grande impacto para além de tais estudos, especialmente no âmbito da Linguística Geral e da Filologia Indoeuropeia.

Fato é que os fundamentos de sua teoria linguística foram ainda delineados na década de 1950, período em que ele ensinava na *Universidad de la República*, Montevideo, Uruguai. Tais fundamentos consistiam, em princípio, de desenvolvimentos da linguística estrutural, lidando fundamentalmente e criticamente com a linguística saussuriana, modificando ou complementando-a, o que resultaria na *teoria da fala* coseriana.

Obviamente, um linguista com a proeminência que ele teve não se limitou a um único campo de estudos. Durante mais de meia década de estudos, ele desenvolveu importantes

"My Saussure", in: Saussure and Linguistic today, hrsg. von T. De Mauro und Sh. Sugeta, Rom, S. 187-191. 309. "Mi Saussure" [= Nr. 295 in anderer Fassung], in: Actas do IV Congresso Internacional da língua galego-portuguesa na Galiza. Em homenagem a Ferdinand de Saussure, Universidade de Vigo, S. 379-382.

Sincronie, diacronie și istorie. Problema schimbării lingvistice, Bukarest; rumänische Übersetzung von Nr. 85; übers. von N. Saramandu.

"O Meu Saussure", portugiesische Übersetzung von Nr. 309, in: Confluência. Revista do Instituto de língua portuguesa, 14, 1997, Rio de Janeiro, S. 33-36; übers. von E. Bechara. "

"Mon Saussure", in: Rika van Deyck, Rosanna Sornicola, Johannes Kabatek (Hgg.), *La variabilité en langue. Langue parlée et langue écrite dans le présent et dans le passé*, Communication & Cognition (= Studies in Language 8), Gent, S. 17-24.

teorizações sobre texto, discurso, semântica, sintaxe, léxico, sociolinguística, etnolinguística, tipologia linguística, funcionalismo, linguística românica, germânica, eslávica, etc.

Algumas publicações dos anos de 1950 evidenciam estudos que foram além de considerações estruturais da linguagem. Em sua obra *Determinación y entorno* (1955-56), ele delineava, pela primeira vez, na linguística, uma teoria do texto. Além disso, nessa mesma obra, o linguista enfatiza a importância do falar, algo que para ele foi colocado em segundo plano por Saussure:

O falar é uma atividade universal que se realiza por indivíduos particulares, enquanto membros de comunidades históricas. Portanto, [o falar] pode considerar-se em sentido universal, em sentido particular e em sentido histórico (COSERIU, 1955-56, p. 31).

Pinheiro e Oliveira (2021) avaliam que a concepção de Coseriu em *Determinación y Entorno* (1955-56) já esboçava os fundamentos da teoria que concebe a linguagem em três níveis, o universal, o histórico e o individual:

“A ideia de que a linguagem possui três níveis pode ser explicada, em suma, pelo entendimento coseriano de que a linguagem constantemente cria e atualiza conteúdos não apenas por uma única via de efetivação. Há, dessa forma, um funcionamento simultâneo da linguagem em três dimensões ou níveis: universal, histórico e individual. Em todos esses níveis, produzimos conteúdos de linguagem próprios, de natureza distinta” (PINHEIRO E OLIVEIRA, 2021, p. 119).

Ainda na década de 1950, Coseriu já se destacava por suas discussões acerca da teoria da linguagem. No ano de 1952, enquanto atuava como professor de Linguística Geral e Indo-Europeia na Universidade da República (Montevidéu, Uruguai [1952-1962]), publicou o ensaio *Sistema, Norma e Fala*, talvez o marco mais importante de sua carreira como linguista.

Uchôa (2021) enaltece as contribuições de Coseriu atestando que essa obra se tornou

bastante citada por numerosos estudiosos daqui e de outros países, e adotada na progressão das pesquisas da linguística descritiva que então se desenvolviam, a contrapor-se, portanto, à concepção tradicional em que norma se confunde com prescrição gramatical (UCHOA, 2021, p. 16).

Sistema, Norma e Fala (1952) traz uma profunda discussão acerca da noção de norma, efetivando-a como abstração da língua dentro dos assuntos linguísticos e apresenta seu fundamental papel na formulação do conceito de sistema heterogêneo, que contribui veemente

para a compreensão dos fenômenos variáveis. Nessa obra, Coseriu redefine a dicotomia língua/fala de Saussure ao propor a tricotomia sistema/norma/fala, caracterizando os níveis abstrato e concreto da língua.

Essa nova ótica tripartite foi primeiramente utilizada por Coseriu durante uma conferência sobre semântica realizada em 1951, na cidade francesa de Nice, ocasião de que participaram renomados linguistas, como Louis Hjelmslev (1899 - 1965) da Dinamarca, e o americano John Lotz (1955). Durante a conferência, foi apresentado uma distinção de três aspectos da linguagem: esquema, norma estabelecida e parole (fala). Segundo Coseriu, esse novo olhar sobre a dicotomia saussuriana língua e fala, “deveria corresponder, no próprio campo absoluto da linguagem, e independentemente de uma realidade” (COSERIU, 1951 [1972], p. 13).

O que intriga e faz Coseriu expandir suas convicções acerca de sua concepção triparte da linguagem é que para ele a concepção dicotômica de Saussure carecia de complementos ou até mesmo de modificações. Para Coseriu, o sistema pode ser pensado de duas maneiras: conhecimento internalizado e/ou compartilhado através da fala. Dessa forma, não há como separar língua/fala. Ou seja, Saussure não deveria ter entendido concebido essa dicotomia como uma dicotomia de oposições, mas numa relação de interdependência.

A língua é compreendida por Coseriu como uma atividade abstrata internalizada na mente do ser humano, que se concretiza na fala. Desse modo, compreende que haja uma incontestável oposição: “a língua, o sistema organizado, conteria elementos tendentes a comunicação e compreensão dos pensamentos; a fala, ao contrário, seria um instrumento da vida afetiva, expressaria sentimento e ação” (COSERIU, 1951 [1979], p. 21).

No entanto, Coseriu ressalva que “a língua não se gera a não ser pela fala” (COSERIU, 1951 [1979], p. 25). Hernandez (2001) resume a concepção coseriana nos seguintes termos:

Em resumo, a língua ou sistema é entidade abstrata, coletiva e geral, memorizada na mente de todos os falantes de um grupo linguístico; a norma é padrão grupal de uso, é o modo como os usuários se valem da língua preferindo certas formas e preterindo outras; fala é a concretização individual do código linguístico pelos participantes de um ato comunicativo (HERNANDES, 2001, sp).

É evidente que Coseriu desenvolve suas concepções ancoradas nas conceituações saussurianas, porém dando ênfase a ideia de que a língua é um patrimônio social coletivo e a fala é a realização individual da língua, não podendo as mesmas serem vistas como oposição.

Em 1957, em sua primeira visita ao Brasil, Coseriu palestrou na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, divulgando sua teoria sobre Norma. Uchoa (2021) comenta que nesse evento Coseriu conceituou língua como um sistema de possibilidades e norma como elementos normais numa comunidade linguística:

Coseriu distinguia língua, sistema funcional, de possibilidades, de norma, um sistema normal, um modo tradicional do agir verbal, o que se diz habitualmente numa comunidade, de determinado estrato social, por exemplo (na variedade do português popular, marca-se o plural, num sintagma nominal, apenas no termo determinante: moças bonita) (UCHOA, 2021, p. 16).

Ao avançar com suas concepções e críticas a Saussure, Coseriu começava a se afastar da teoria saussuriana e começava a se firmar como um linguista cujas releituras trazia um novo ponto de vista sobre o objeto da linguística, mas nunca perdendo contato com o estruturalismo. Assim, na década de 1960, Coseriu já havia se estabelecido como linguista estruturalista e sua reputação já era conhecida em boa parte do mundo.

Coseriu começava a ser convidado a participar dos principais eventos de linguística em universidades internacionais, bem como convites para atuar como professor visitante. De 1960 a 1961, foi professor visitante de linguística geral na Universidade de Coimbra (Portugal); de 1961 a 1963 foi professor visitante de Filologia Românica na Universidade de Bonn; ainda em 1963 foi professor visitante de Filologia Românica na Universidade de Frankfurt. Em 1963, deixou o Uruguai e se mudou para Tübingen, Alemanha, onde se firmou como professor de Filologia Românica e Linguística Geral, na Universidade de Tübingen.

As contribuições de Coseriu à universidade Tübingen, nos anos de 1970, fez dela um centro de referência nos estudos sobre as línguas românicas, fazendo com que sua teoria causasse impacto para além dos estudos românicos, e influenciando a contribuição teórica no âmbito da linguística geral e da filosofia da linguagem. Nesse período, Coseriu se concentrou mais em aprofundar sua teorização do que propor novas teorias.

2.1 Coseriu e Saussure: disputa teórica sobre o objeto da linguística

Conforme destaca Marra da Silva (2012), Saussure ao elaborar as distinções língua e fala, e estabelecer a *langue* como objeto da linguística emergente, fazia isso de um ponto de vista teórico-metodológico, já que o ponto de vista do linguista é que cria o objeto de estudo.

Trata -se de uma escolha feita pelo linguista, que orientaria os demais estudiosos da linguagem a realizarem suas pesquisas levando em consideração tal procedimento teórico-metodológico, não que língua e fala devessem, de fato, em todos os momentos, ser estudadas separadamente. Não se trata aí de declarações sobre o mundo, sobre a realidade das coisas, mas de afirmações metodológicas apriorísticas necessárias para que os pesquisadores da Linguística pudessem proceder a qualquer análise da natureza desse objeto, abstraídos de sua contraparte concreta (MARRA DA SILVA, 2012, p. 87).

Acompanhando esse raciocínio, Marra (no prelo) sustenta que “fazer distinções é uma operação essencial para o processo de compreensão de um objeto de estudo. Essa operação conceitual visa estudar objetos que não são considerados separados fora do ponto de vista do pesquisador”. Marra ainda reconhece que “o ato de abstração pode deformar objetos quando por meio de uma operação conceitual o pesquisador separa diferentes características de um objeto para estudá-los de forma independente”. Por outro lado, Marra admite que “decisões metodológicas *a priori* são necessárias para que os pesquisadores procedam a qualquer análise da natureza de um objeto. É seguindo essa suposição que os linguistas tendiam a abstrair a língua da fala ou a estudar esses dois objetos de forma separada”. Nesse sentido, Marra argumenta:

Ele [Saussure] introduz as distinções *langue/parole* e, embora fale de uma linguística da *parole*, projeto no qual não se concentra, estabelece a *langue* como objeto único da linguística. Esse objeto deveria ser considerado como um sistema de signos constituído por relações de determinação recíproca entre o significado e o significante (MARRA, no prelo).

É lugar-comum na história da linguística, desde então, atribuir a Ferdinand de Saussure a paternidade da linguística devido à ruptura epistemológica representada pela criação da *langue*, um objeto abstrato dentro dos fatos concretos da linguagem. Conforme sustenta Marra, “os linguistas da primeira metade do século XX se maravilharam com as discussões em torno da estrutura da *langue* e colocaram Saussure entre os linguistas mais prestigiados de todos os tempos”.

No entanto, segundo Marra (no prelo), dialogando com Coseriu (1992), a partir da segunda metade do século XX, os linguistas passaram a se interessar pelo que possibilita ao indivíduo falar e compreender seu interlocutor. Nesse caso, as melhores explorações foram de Noam Chomsky, e seu trabalho representou uma revolução nesse campo. Dentro do empreendimento gerativo de Chomsky, a competência linguística é a capacidade do falante,

baseada em princípios inatos, que lhe permite usar línguas particulares através da experiência. Portanto, a tarefa da linguística é descrever esse componente da mente humana, estabelecendo seus princípios inatos e investigando seu uso.

Segundo Marra (no prelo), Coseriu, ao contrário, situa-se principalmente na tradição linguística de Wilhelm von Humboldt, desde os primeiros escritos como *Derterminación y Entorno: dos problemas de una lingüística del hablar* (1955) (Determinação e ambiente: dois problemas de uma linguística da fala), que antecede os escritos de Chomsky a respeito de sua teoria da competência linguística, elabora uma teoria que ele chamou naquela época de teoria do conhecimento linguístico. Conforme, Marra (no prelo), “esse texto é considerado (por alguns de seus devotos e ex-alunos) um marco na mudança de perspectiva no estudo da linguagem (embora esse texto possa ser desconhecido por muitos), pois faz da fala (*parole*) a norma para todas as manifestações de língua (*langue*), o ponto de partida da investigação linguística.

Como ressalva Marra (no prelo), o Curso de Saussure é citado por muitos dos estudiosos de Coseriu quando dizem que o estudo da linguagem deve estar enraizado na *langue*, enquanto Coseriu começaria tudo a partir da *parole*. No entanto, conforme Marra,

“é evidente ao longo do Curso de Saussure que o conhecimento da *langue* só é possível através da análise da *parole*, de modo que a diferença entre as posições de Saussure e as de Coseriu não são tão aparentes, e a inserção de Coseriu do conceito de norma como uma ligação entre a *langue* e a *parole* pode ajudá-lo a encontrar alguma singularidade em expressar sua abordagem da investigação linguística” (MARRA, no prelo).

Desse modo, compreender o lugar de Coseriu na história linguística a partir do conceito de norma, faz-se necessário para a análise desta dissertação. Como visto, Coseriu não pode ser considerado discípulo de Saussure, mas sim um leitor. Seus tratados mais importantes do período de Montevideo (1950-1963) tratam criticamente da teoria linguística de Saussure, que modificam, melhoram ou completam, principalmente no que concerne à teoria da fala. Logo, embora o linguista romeno tenha tomado as ideias linguísticas de Saussure como ponto de partida, faz isso não como uma reafirmação de tais ideias, mas como uma forma de se firmar enquanto teórico com ideias e não como um seguidor de Saussure.

Saussure difundiu a ideia que língua e fala deveriam ser analisados separadamente, atribuindo à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem. A metáfora (característica de Saussure, para explicar suas teorias) de que “o ponto de vista cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39) permite a interpretação de que sua decisão de estudar a *langue* não exclui o fato

de que língua e fala são interdependentes, tratou-se evidentemente de uma opção de estudar um objeto e não o outro.

Em sua leitura de Saussure, Coseriu compreendeu que algumas das ideias de Saussure estavam no caminho certo, porém devido ao aspecto inovador de tais ideias e ao pouco tempo que teve para aprofundá-las restaram algumas incongruências que ele Coseriu pretendeu explicar. Nesse sentido, ele argumentou que uma insuficiência da “dicotomia saussuriana, em última instância é ser demasiadamente rígida, isto é, a de ignorar o ponto onde ‘língua’ e ‘fala’ se encontram e se combinam, ou seja, no ato verbal” (COSERIU 1979, p. 45).

Coseriu não apenas considerava que a cisão língua/fala era incoerente, mas também as próprias definições desses objetos tributárias a Saussure. À medida que Saussure (2012) compreendia a língua como um sistema de oposições funcionais, Coseriu a considera como uma composição de elementos sociais, isto é, aquilo que é normal e repetido no falar de uma comunidade, ou seja, “já sobre a base do chamado produto linguístico se pode estabelecer um sistema normal, distinto do sistema funcional que se estabelece no plano superior da abstração, o das formas linguísticas” (COSERIU, 1979, p. 46).

Assim, considerando que língua e fala são oposições interdependentes em que a fala é a realização da língua e língua é o produto da fala, definiu a língua como um sistema abstrato composto por possibilidades abertas e fechadas (sistema) e por imposições linguísticas (norma). Assim, não mais utilizaria a oposição língua/fala, mas sistema, norma e fala.

Na década de 1970, Coseriu publicou em espanhol a obra *Sincronía, diacronía y historia* (1973, o texto foi originalmente rascunhado em 1958). Na obra, o linguista esclarece e expande outra dicotomia saussuriana: sincronia e diacronia. Segundo Saussure, “à sincronia pertence tudo o que se chama ‘Gramática Geral’, pois é somente pelos estados de língua que se estabelecem as diferentes relações que incumbem a Gramática” (SAUSSURE 2012, p. 145). No que concerne à linguística diacrônica, ela estuda a língua numa realidade histórica, em que “termos sucessivos que se substituem uns aos outros no tempo” (SAUSSURE, 2012, p. 193).

Coseriu certamente não compartilhava da cisão diacronia/sincronia, em vez disso, concebe esses dois elementos não como fenômenos diversos, mas como um único fenômeno em que o fato sincrônico é uma extensão ou um produto do fato diacrônico.

Saussure, preocupado em estabelecer firmemente a sincronia e em distinguir o ponto de vista sincrônico e diacrônico, não percebe que a diferença entre ambos é apenas de perspectiva e não tenta reconciliá-los, (...) sem perceber que o fato diacrônico é na realidade a produção do fato sincrônico, não são

dois fenômenos diversos, mas um único fenômeno” (COSERIU, 1979, p. 22).

Coseriu, assim, considerava que a teoria saussuriana era insuficiente para explicar a evolução histórica da língua. Marra (no prelo) argumenta que apesar dos esforços de Coseriu de superar a teorização saussuriana com essa publicação, Sincronia, Diacronia e História nunca foi inteiramente compreendida:

O próprio Coseriu, apresentando um artigo em inglês (*UCLA Conference on Causality and Linguistic Change, Los Angeles*, maio de 1982 [ver COSERIU, 1982, p. 147]), reclama do fato de que sua teoria sobre mudança linguística delineada em seu artigo *Sincronía, diacronía y historia* (1958) ‘nem sempre foi compreendida, por causa do *‘Hispanicum est, non legitur’* (É espanhol, não se lê). Coseriu acrescenta que a ignorância que envolve sua teoria também pode ter a ver com a estranheza de sua formação no ‘espírito da época’, especialmente no mundo da língua inglesa. Talvez, o que Coseriu quer dizer com a última queixa diz respeito à sua formação humboldtiana em um contexto de efervescência das ideias de Saussure, pois argumenta no início de sua fala que ‘hoje, graças também a algumas noções de gramática gerativa e a um melhor conhecimento Humboldt, os tempos são muito melhores, então espero não os surpreender com uma concepção completamente heterodoxa’ (MARRA, no prelo).⁴

A década de 1970 foi sem dúvida muito produtiva para o linguista romeno. Suas publicações, no entanto, possuem datas que por vezes parecem confusas, devido ao fato de que comumente publicava ensaios e posteriormente os reunia em livros com o mesmo nome. Das publicações da década de 1970, destaca-se *O homem e sua linguagem* (1977[1987]). Nessa obra, o autor discute sobre a linguagem em sua essência e como atividade criadora, invocando conceitos humboldtianos: “a linguagem não é, em primeiro lugar, emprego, mas criação de significados e, portanto, não é tampouco simplesmente produção de signos materiais para significações já dadas, e sim criação de conteúdo e expressão ao mesmo tempo” (COSERIU, 1987, p. 26).

⁴ Coseriu himself, presenting a paper in English (*UCLA Conference on Causality and Linguistic Change, Los Angeles, May 1982* [see COSERIU, 1982, p. 147]), complains about the fact that his theory on linguistic change outlined in his paper *Sincronía, diacronía y historia* (1958) “has not always been understood, because of the *‘Hispanicum est, non legitur’* (It is Spanish, won’t be read)”. Coseriu adds that the ignorance that surrounds his theory may also have to do with “the oddity of my background in the ‘spirit of that time’, especially in the English speaking world”. Perhaps, what Coseriu means with the last complaint concerns with his humboldtian background in a context of Saussure’s ideas effervescence, since he argues in the beginning of his talk that “today, thanks not least to some notions of generative grammar and to a better knowledge o Humboldt, the times are much better, so that I hope not to surprise you with a completely heterodox conception” (MARRA, no prelo).

Henning Andersen (2009, p. 18), refere-se aos principais estruturalistas, como Nikolaj Trubetzkoy, Roman Jakobson, Louis Hjelmslev, Viggo Brøndal, Eugenio Coseriu, que “reconheceram as regularidades de uso que estão além do 'sistema estruturado' e fizeram esforços para entender a relação entre tais regularidades e 'o sistema'”. Em relação a isso, Andersen chama a atenção para a “profunda discussão das questões tratadas em Eugenio Coseriu (1952)”, em referência ao seu *Sistema, norma e fala*.

Segundo Marra (no prelo), Coseriu se define como um desenvolvedor do Estruturalismo em algumas de suas obras, em particular na semântica estrutural. Aliás, sua reputação de estruturalista se deve em maior parte devido a suas incursões pela semântica. Em outros aspectos ele, ele se vê indo além do Estruturalismo.

Ele sublinha que o método Estruturalista só pode ser usado “dentro de limites definidos e para fatos definidos”. Coseriu chama sua própria linguística de “linguística integral”, incluindo “três linguísticas”: a linguística da fala em geral, a linguística das línguas e a linguística do texto. Essa afirmação é, entre outras coisas, uma crítica a um estruturalista unilateral que se concentra na estrutura da linguagem. De fato, Coseriu enfatiza a necessidade de recuperar aspectos da linguagem e da fala, aspectos que, segundo ele, foram excluídos no Estruturalismo. Coseriu também considera as dia-dimensões como indo “além do Estruturalismo” (MARRA, prelo).⁵

Embora a produção intelectual de Coseriu o permita em certa medida o rotular de estruturalista, esse não era um rótulo que o agradava. Sua obra pode ser lida em certa medida como uma tentativa de explicar e desenvolver as teorias saussurianas, que considerava insuficientes. Mas sem dúvida, as ideias de Saussure foram um terreno fértil para o desenvolvimento de suas teorias, ou foram “sementes”, como ele mesmo chama, para a efetivação de seus estudos.

Nesse sentido, Coseriu deve ser lido como um linguista que desenvolveu a ideia dicotômica saussuriana de *langue/parole*. Em sua trajetória, deixou sempre claro sua intenção de ir além do que Saussure deixou em seu CLG. Coseriu via as questões da linguagem mais abrangentes, por se tratar de uma atividade humana, que é criada e repetida pela sociedade. Para ele linguagem “é produto da cultura humana, tomando como ponto de referência a

⁵ He underlines that the Structuralist method can only be used “within definite limits and for definite facts”. Coseriu calls his own linguistics “integral linguistics” including “three linguistics”: the linguistics of speech in general, the linguistics of the languages and the text linguistics. This statement is among other things meant as a critique of a one-sided Structuralist focusing on the language structure. In fact Coseriu emphasizes the need to regain aspects of the language and the speech, aspects which, according to him, have been excluded in the Structuralism. Coseriu also regards the dia-dimensions as going “beyond Structuralism” (MARRA, no prelo).

capacidade do homem para a atividade criativa, ou seja, a capacidade de criar cultura e, portanto, também linguagem” (UCHOA, 2021, p. 18).

Considerando o Curso de Linguística Geral como “embrião e semente de tantas outras doutrinas e atitudes da linguística atual”, Coseriu justifica sua postura crítica diante dessa obra:

[N]o Curso há uma infinidade de sugestões suscetíveis de desenvolvimentos contraditórios parece-nos evidente e demonstrado. (...) o que se tem que de admitir é que a concepção de Saussure oferece dificuldades de interpretação que pela própria condição de notas da aula em que se publicou a obra, muitos pontos permanecem nela obscuros, ou insuficientemente elaborados ou não bem fundamentados (COSERIU, 1979, p. 37).

À luz do exposto, pode-se argumentar que, embora a obra de Coseriu tenha sido lida e contestada ao longo do tempo, ele geralmente não é considerado um teórico de um novo modelo linguístico. Ao contrário, seu trabalho tem sido frequentemente lido como uma crítica ao estruturalismo clássico e como uma introdução a teóricos como Humboldt, Saussure, Hjelmslev e Chomsky, e não como um teórico específico da linguagem (ver ITKONEN, 2011; ALTMAN, 2017).

3 O CONCEITO DE NORMA LINGÜÍSTICA

O segundo capítulo desta dissertação analisa a forma com que Coseriu conceitua sua teoria sobre a norma linguística. Num processo crítico e investigativo referente à dicotomia saussuriana e amparado por abordagens como de Wilhelm von Humbolt, o linguista romeno entendeu que faltava um elemento que conectasse língua/fala, visto que Coseriu interpretou as considerações de Saussure sobre tal dicotomia como fatores que não são interdependentes, fato com o qual discordava.

O primeiro capítulo desta dissertação mostrou que foi o estudo do CLG de Saussure que chamou a atenção de Coseriu para algumas concepções que o linguista romeno considerava ora insuficientes, ora incoerentes. Coseriu, por outra lado, tinha clara ciência de que as contradições do CLG se deviam ao fato de não ter sido Saussure quem o escreveu:

[...] não nos atreveríamos a inferir daí uma incoerência fundamental da doutrina saussuriana, pois que, se é verdade que a muitas teses do mestre genebrino podem opor-se antíteses deduzidas da sua própria obra (...), pela condição de notas da aula em que se publicou essa obra (COSERIU, 1979 [1977], p. 37).

Teoria da Linguagem e Linguística Geral (1979[1977]) é uma obra em que o autor busca “elucidar certos problemas básicos da linguística atual e de estruturar uma teoria linguística coerente ao objeto da linguagem”. Na verdade, o livro se trata de uma compilação de cinco de seus ensaios mais importantes publicados a partir dos anos de 1950, dentre eles, Sistema, Norma e Fala (1952) e Determinação e entorno (1955).

Em Sistema, Norma e Fala (1952), Coseriu estabelece a norma como um elo entre as distinções *langue* e *parole* de Saussure. Segundo Marra (no prelo), “a introdução do conceito de norma de Coseriu resultou de seu desacordo com a dicotomia de Saussure, mas talvez tenha sido motivada pelas distinções de Hjelmslev (1942) *schéma* (*langue forme pure*), *norme* (*langue forme matérielle*) e *usage* (*l'ensemble des habitudes*)”.

Segundo Marra (no prelo) Coseriu inicia seu ensaio Sistema, Norma y Habla (1952, p. 2) referindo-se à Conferência de Semântica organizada por Emile Benveniste, em março de 1951, em Nice, França. Coseriu revela ter, na ocasião desse evento de que participou, ter tido contato com a distinção *schéma*, *norme* e *usage*, apresentada por Hjelmslev. Essa teria sido a primeira tentativa de expansão da dicotomia *langue/parole* de Saussure.

Ainda segundo Marra (no prelo), a noção de *schéma* estava em um trabalho anterior de Hjelmslev (1937) referida como *systeme*, sendo que as três subdivisões *schéma*, *norme* e

usage são todas relacionadas ao conceito de *langue*. Mais tarde, Hjelmslev viria a rejeitar o conceito de norma, por considerá-la supérflua, “uma abstração extraída do uso por um artifício de método” (HJELMSLEV, 1942, p. 43 *apud* MARRA, no prelo), e diferentemente de *schéma* e *usage*, que representam realidades, *norme* é, para ele, uma ficção.

Assim, o que Hjelmslev (1942, p. 43) considera “essencial e realmente novo”, sobre as distinções de Saussure, é o que ele chama de *schéma*, ou a forma pura da língua, “definida independentemente de sua realização social e de sua manifestação material” (p. 32), ao passo que “o uso nada mais é do que um conjunto de possibilidades entre as quais qualquer ato teria livre arbítrio” (p. 42). Assim, ele afirma que a “distinção entre *schéma* e *usage* é a única subdivisão essencial” (HJELMSLEV, 1942, p. 43). Logo, propõe substituir a distinção *langue* e *parole* de Saussure, pois “constitui uma primeira aproximação, historicamente importante, mas teoricamente imperfeita” (HJELMSLEV, 1942, p. 44).

Para que conseguisse elaborar a sua teoria, Coseriu recupera e insiste no conceito de “norma”, que o próprio Hjelmslev já o havia abandonado. O fato é que Coseriu não apenas o traz de volta à luz, mas o torna central para sua reconfiguração da distinção de *langue* e *parole* de Saussure.

Duarte (2001) traz uma explicação que esquematiza a razão pela qual Coseriu rejeita a dicotomia *schéma/usage* de Hjelmslev e retoma o conceito de norma:

Constata que o (1) alto grau de formalização do modelo hjelmsleviano prejudica a compreensão do fenômeno unitário da linguagem em sua realização concreta, (2) sugere uma concepção de linguagem como fenômeno estático, além de (3) contribuir para uma visão algebrizante desconsiderando a substância fônica implicada na realização concreta dos atos linguísticos (DUARTE, 2001, p. 155).

Como já dito anteriormente, Coseriu estabelece a norma como um elo entre as distinções *langue* e *parole*. Para Saussure, a *langue* é “um produto social da faculdade da linguagem” (SAUSSURE, 2012, p. 41). Coseriu acrescenta que ela é a “projeção objetiva e, ao mesmo tempo, condição técnica da linguagem” (COSERIU, 1979, p. 32). Já a fala, Coseriu conceitua como “a realização momentânea da língua”, uma realização (atividade linguística) individual. Portanto, Coseriu protestaria dizendo que sob nenhuma hipótese língua e fala são realidades autônomas, “a fala é a realização da língua e, por outro lado, a língua é a condição da fala” (COSERIU, 1979, p. 35).

Para Coseriu, uma das incongruências da teorização saussuriana está na associação do individual (a fala) com o concreto e o social com o formal (a língua). Se a fala for entendida

como algo estritamente individual estaria desligando-a do que é das relações intersubjetivas. Mas a fala consiste em um movimento de atualização e de realização da língua. Portanto, tratar a fala como individual significa desconsiderar tanto a sua evolução quanto a sua relação com coletividade. Logo, embora a fala seja a realização individual da língua, ela ocorre por meio de sua instauração na coletividade. O social presente que constitui a fala resulta da interação intersubjetiva possibilitada na formalização dos atos verbais, e os atos verbais são considerados como *langue*. Por consequência, tem-se um produto linguístico e, dessa forma, não tem como entender a fala como um ato individual. Para Coseriu, há uma combinação entre ação verbal (ação do falar) e produto linguístico (resultado da ação verbal), que estão em um plano concreto da ação do falante com o ato verbal (atribuição à significação) e a forma linguística (o valor funcional), que estão na formalização, ou seja, no plano abstrato do falante.

É então que Coseriu passa a defender que tal conflito poderia ser resolvido com o entendimento do que é abstrato e concreto, assistemático e sistemático. Para ele, essa é a forma de se resolver esse conflito, não pela perspectiva do que é individual e social: “Se a *langue* é o formal, então não se pode excluir deste conceito o ato verbal, que é a formalização da ação verbal concreta, e se, por sua vez, o ato verbal é *Parole*, então esta não é integralmente concreta, mas contém elementos formais” (COSERIU, 1979, p. 45).

Segundo Coseriu, Saussure não obteve sucesso em demonstrar o ponto em que língua e fala se combinam, ou seja, no ato verbal. Para ele, somente “ao nos colocarmos no plano do ato linguístico podemos distinguir o que no próprio falar é ação verbal do que é, por seu turno, ato verbal, forma, ou seja, de alguma maneira, fato da língua” (COSERIU, 1979, p. 45).

Diante desse posicionamento teórico de Coseriu, Duarte (2001) faz a seguinte reflexão:

Pensemos, também que a língua permite várias realizações, já que para Saussure a língua é um sistema de signos e leis combinatórias. E tal permissividade implica várias possibilidades para uso. (...), numa determinada língua particular, o sistema permite diversas realizações da língua para a sua concretização e esta se faz através do ato da fala, já que o signo se concretiza na ação verbal e a combinação desses signos produz a forma. Pode-se, desse modo, considerar que no ato de fala existem elementos formais e individuais (DUARTE, 2001, p. 158).

Conforme a teorização de Coseriu, as várias possibilidades de uso linguístico podem levar a modelos que se repetem no falar tanto por um indivíduo quanto por uma comunidade.

Esses modelos passam a ser *normais* em um uso. De forma que podem ser criados e repetidos até ganharem *status* no seio da comunidade. O sistema de signos é um sistema de funcionalidade para o uso da língua, composto por significados e significantes (na terminologia saussuriana). A partir do momento em que um modelo de uso desses signos é repetido em uma comunidade, passa a ser considerado *normal*. Assim, Coseriu passa a distinguir o que é funcional, chamando-o de sistema, do que é normal, chamando-o de *norma*. Surge então o conceito de *norma*, que ganharia na teorização coseriana posição central em sua tentativa de reconfiguração da dicotomia saussuriana; mais que isso, em sua tentativa de explicação da configuração da língua:

[...] há elementos que não são únicos ou ocasionais, mas sociais, isto é, normais e repetidos no falar de uma comunidade e que, entretanto, não pertencem ao sistema funcional das formas linguísticas, ou seja, já sobre a base do chamado produto linguístico se pode estabelecer um sistema normal, distinto do sistema funcional, que se estabelece no plano superior de abstração, o das formas linguísticas (COSERIU, 1979, p. 46).

O conceito de norma surge então com a finalidade de estabelecer uma conexão entre a língua e a fala. Coseriu (1979) justifica sua teoria alegando que os atos linguísticos são compostos por criações (sistema) e por recriações (norma) que se estruturam sobre modelos precedentes:

[...] o indivíduo cria sua expressão numa língua, fala uma língua, realiza concretamente em seu falar moldes, estruturas da língua de sua comunidade. Num primeiro grau de formalização, essas estruturas são simplesmente normais e tradicionais na comunidade, constituem o que chamamos de norma; mas num plano de abstração mais alto, depreende-se delas mesmas uma série de elementos essenciais e indispensáveis de oposições funcionais: o que chamamos de sistema (COSERIU, 1979, p. 72).

Coseriu não considerava o sistema linguístico como algo acabado, rígido, mas como um conjunto de possibilidades que fazem com que a língua permaneça em movimento, das quais as engrenagens são peças repetidas de um modelo precedente (norma) e outras são espontâneas. Para Coseriu, esse processo de criação e recriação por parte dos falantes é o que se torna no essencial da língua.

No CLG, Saussure distingue língua e fala em fatores completamente separados de um ponto de vista metodológico. Por exemplo, ao conceituar língua, o mestre genebrino diz: “ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só, não pode nem criá-la nem

modifica-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade” (SAUSSURE, 2012, p. 46).

Coseriu (1979, p. 36), por outro lado, entende que não se pode apresentar língua e fala de forma separadas, pois “não designam seções autônomas, nem sequer maneiras de apresentar a língua, mas sim diferentes pontos-de-vista, ou seja, maneiras de encarar o fenômeno linguístico, distintos graus de formalização da mesma realidade objetiva”.

O que Coseriu atesta é que língua e fala são interdependentes e não realidades autônomas. A língua é um produto armazenado virtualmente no cérebro do indivíduo e que seu movimento permite sua realização na fala. A fala, por outro lado, é a concretização da língua num ato individual que para que possa ser exercido, no mínimo, o falante tem de possuir um acervo linguístico. Logo, “a antítese entre língua e fala é absoluta, entretanto, são interdependentes e, mais ainda, acham-se intimamente misturadas” (COSERIU, 1979, p. 24).

Assim, o autor considera que língua e fala devem ser analisadas de forma combinatória e não de maneira separada, visto que é somente por meio da fala que a língua se manifesta concretamente. Por outro lado, entende que a “fala é a realização da língua e a língua é a condição da fala” (COSERIU, 1979, p. 35).

Para Coelho (2014), “no quadro proposto por Coseriu, o sistema funcional é distinto do sistema normal e esses dois são distintos da fala em graus de abstração: do mais concreto, a fala, ao mais abstrato, a língua, passando por um grau intermediário, a norma” (COELHO, 2014, p. 55). Com isso, a língua sendo uma abstração e a fala um ato concreto, faria necessário um elo, ou seja, algo que os intermediasse, essa função foi atribuída à norma.

Assim, Coseriu estabelece que a fala é a realização individual e concreta da norma e a norma é a realização coletiva do sistema:

[...] o sistema é um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização coletiva do sistema, que contém o próprio sistema e, ademais, os elementos não-pertinentes, mas normais no falar de uma comunidade; o falar é a realização individual-concreta na norma, que contém a própria norma, e ademais, a originalidade expressiva dos falantes (COSERIU, 1979, p. 74).

Para compor essa realização coletiva, há elementos do próprio sistema que podem ser funcionais ou não. Aos que são funcionais são tratados como um sistema de possibilidades abertas e fechadas, “um conjunto de liberdades, pois que admite infinitas realizações que só exige que não se afetem as condições funcionais do instrumento linguístico” (COSERIU, 1979, p. 74).

Coelho (2014), dialogando com Coseriu, esclarece o conceito de norma, dizendo tratar-se de

um modelo abstrato que se observa nas características normais, comuns e mais ou menos constantes à língua. Constitui-se como uma realização coletiva do sistema, uma tradição, ou ainda uma repetição de modelos anteriores, como se fossem modelos impostos numa dada comunidade. Nesse sentido, conserva somente os aspectos comuns que se comprovam nos atos linguísticos modelares e não a variante individual, ocasional ou momentânea da fala (COELHO, 2014, p. 53).

Os elementos normais que foram criados e repetidos em uma comunidade linguística são de maneira geral integrados de forma coerciva. Assim, Coseriu define norma “um sistema de realizações obrigatórias, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade” (COSERIU, 1979, p. 74). No entanto, deixa claro que dentro da atividade linguística, o indivíduo pode ou não conhecer a norma. Nesse sentido, ele se orientará pelo sistema, usufruindo das possibilidades que o sistema oferece para o uso.

É importante frisar que a norma é uma abstração da língua que trata de elementos repetidos dentro de uma comunidade. Dessa forma, ao se tratar de uma comunidade linguística nacional, é possível encontrar várias normas estabelecidas no sistema funcional de um idioma: familiar, popular, literária, etc.

Segundo Coelho (2014), ao definir norma, Coseriu considerou alguns fatores relevantes:

Nessa analogia, podemos, segundo Coseriu, distinguir três características da língua: 1) as características indispensáveis funcionais (abstração); 2) as características normais, comuns ou mais ou menos constantes, independentemente da função específica dos objetos (abstração); 3) as características concretas, variadas e variáveis dos objetos observáveis (COELHO, 2014, p. 53).

O sistema, segundo Coseriu, possui a função de coordenar a norma, visto que as possibilidades de vias abertas e fechadas fazem parte do sistema. No entanto, a partir do momento em que tais possibilidades são repetidas e impostas ao falante passam a ser consideradas norma. Logo, as possibilidades disponibilizadas pelo sistema da língua se tornam normas sociais quando se tornam práticas sociais recorrentes.

Coseriu (1979) traz exemplos de como é possível distinguir norma e sistema no que concerne ao campo gramatical. A essa distinção, nomeada por Coseriu como fatos de sistema

e fatos de norma, o linguista faz perceber sua distinção nos diversos campos gramaticais: fonológico, morfológico, sintático e lexical. Um exemplo claro da distinção entre norma e sistema, no campo morfológico, trazido pelo autor, fazem referência aos problemas com a flexão verbal que as crianças enfrentam ao aprenderem a falar. Para o autor, “tais erros procedem quase sempre duma aplicação das oposições funcionais do sistema contrárias à aplicação consagrada como normal na respectiva comunidade linguística” (COSERIU, 1979, p. 60).

Esses *erros*, que devem ser considerados *anormais*, acontecem porque o sistema oferece uma infinita possibilidade de combinações para uso e que a norma ainda não fixou como moldes tradicionais de realização. Nesse sentido, Coseriu diz que julgamentos sobre correto e incorreto deveriam ser considerados como normal e anormal do ponto de vista da norma: “Ao comprovarmos a norma a que referimos, comprova-se como se diz e não se indica como dizer: os conceitos que, com respeito a ela, se opõem são normal e anormal, e não correto e incorreto” (COSERIU, 1979, p. 69).

Uchoa (2021, p. 26), dialogando com Coseriu a respeito do conceito de correção linguística, salienta que tal conceito deve ser compreendido dentro da concepção de norma: “o conceito de correção aqui está vinculado ao que é normal, ao que efetivamente se diz numa norma, e não ao que é normativo, o que, socialmente, se considera como mais elegante, mais prestigioso (a norma culta)”.

Além disso, Uchoa (2018) já trazia a compreensão de que não se deveria confundir o sistema normal como estabelecido por Coseriu com a prescrição gramatical de uma determinada língua:

Coseriu desenvolveu a sua proposta teórica de norma nas preocupações da linguística descritiva, a contrapor-se à concepção tradicional de norma identificada com a prescrição gramatical. Este conceito de ‘norma normal’ pertence hoje à Linguística. Já aqui, distinguindo entre língua, sistema funcional, e norma, sistema normal, Coseriu se afasta de Saussure, que opunha apenas a *langue* à *parole* (fala, discurso)” (UCHOA, 2018, p. 44).

Pode-se entender a aplicação do conceito de norma no âmbito do português brasileiro em que, dada a vasta extensão territorial do país, várias são as normas que compõem a língua, devido aos usos diversos de cada região. Um dos traços que distinguem um falante do sul do Brasil e o de outra região encontra-se no campo fonológico. Na região gaúcha, a realização acústica vibrante do fonema /r/, em que a palavra *carro* é pronunciada como *caro*, essa

pronúncia poderá ser considerada como anormal para o indivíduo que não compartilha com essa norma. Porém, a repetição através do uso fez com a pronúncia fosse percebida como normal e passasse a caracterizar essa comunidade linguística. Logo, na norma há elementos que caracterizam uma comunidade de fala e evidenciam sua identidade.

Para Duarte (2011, p. 163), Coseriu não apenas cria uma teoria, mas “possibilita uma compreensão mais clara do fenômeno linguagem” ao desvincular a ideia do que é certo e errado, transformando os termos em normal e anormal:

[...] para Coseriu, portanto, a língua é como um conjunto de oposições funcionais; a norma é a realização coletiva do sistema, que contém o próprio sistema e também elementos não-pertinentes, porém usuais no falar de uma comunidade, e a parole (falar), por sua vez é a realização individual-concreta da norma, contendo sua própria norma (DUARTE, 2011, p. 164).

Segundo Coseriu, as várias formas de manifestação da linguagem são possibilitadas pelo sistema funcional e repetidas pela norma. Além disso, defende que toda norma é válida para a interação do indivíduo com a sociedade. Dialogando com Coseriu, Coelho (2014, p. 56) diz que a norma impõe determinadas formas linguísticas como modelo a ser seguido. “São as formas caracteristicamente mais normais, costumeiras e comuns, mais ou menos constantes, que em geral são repetidas pela comunidade e pelo indivíduo”.

Coseriu demonstrou preocupação com interpretações equivocadas que eventualmente pudessem ser feitas a respeito do conceito de norma:

Esclarecemos, ademais, que não se trata da norma no sentido corrente, estabelecida ou imposta segundo critérios de correção e de valoração subjetiva do expressado, mas sim da norma objetiva comprovável numa língua, a norma que seguimos necessariamente por sermos membros duma comunidade linguística (COSERIU, 1979, p. 69).

É evidente que a concepção tripartite de Coseriu teve relevante aceitação e propagação entre a comunidade linguística, ajudando a elevar a reputação de Coseriu como autor de modelos teóricos da linguagem. Faraco (2011), reconhecendo a importância do conceito de norma, põe em realce a contribuição de Coseriu dizendo que sua genialidade está em:

[...] acomodar no modelo saussuriano de língua e fala uma terceira camada teórica capaz de captar a diversidade intralinguística, sem abandonar a ideia da existência de um grande sistema que autoriza os diferentes usos coletivos, ou seja, os usos normais das diversas

comunidades que, não obstante as diferenças, se identificam como falantes de uma mesma língua (FARACO, 2011, p. 35 *apud* CONCEIÇÃO, 2017, p. 346).

Da mesma forma, Santos (2014, p. 63), exalta a teorização de Coseriu quando diz que “uma das maiores contribuições coserianas para a linguística ... é a apresentação da mais básica de suas tricotomias, que ele mesmo toma como bastante simples e correspondente à intuição dos falantes”.

Certamente, o conceito de norma de Coseriu figura centralmente em sua teoria, e sua obra *Sistema, Norma e Fala* (1952) fez voltar para sua teoria linguística os olhos de toda uma geração de estudiosos da linguística que buscavam resolver os problemas deixados no CLG de Saussure. Sem dúvida, uma das maiores contribuições veio de Coseriu, que, além disso, em uma discussão posterior (COSERIU, 1968), introduz o conceito de tipo linguístico como a dimensão mais elevada do processo de estruturação da língua. Assim, tipo linguístico, sistema, norma e fala resumiriam sua visão em torno da configuração da língua.

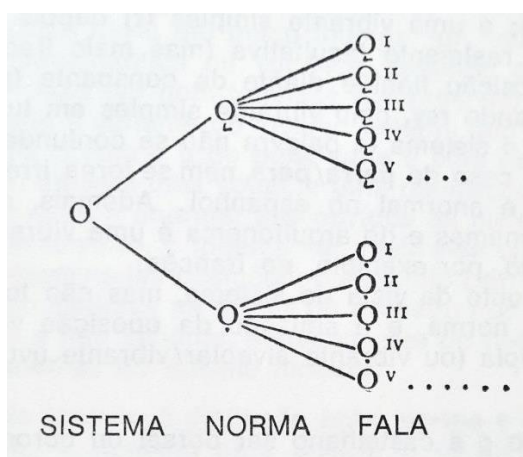
4 OS FATOS GRAMATICAIS DA NORMA

Eugênio Coseriu conceituou norma como repetição normal de modelos anteriores em uma comunidade linguística limitada isoglossicamente. A norma como integrante da tripartição coseriana (sistema, norma e fala) sela um elo interdependente entre a dicotomia saussuriana, língua e fala. Para o autor, a norma possui características impositivas, a partir das criações possibilitadas pelo sistema e que são repetidas por uma determinada comunidade linguística. Visto isso, é possível que tais criações sejam analisadas de forma gramatical, ou seja, os elementos discursivos usados pela comunidade linguística, compõem uma língua e tem uma estrutura gramatical, independentemente a qual país pertença.

Coseriu (1979 [1952]) apresenta fatos gramaticais da aplicação da norma, ou fatos da norma, que se observam através uso registrado pelos falantes. Segundo o autor, os fatos de norma são percebidos em diversos campos linguísticos como, fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais. Para ele, a fonologia é o campo gramatical em que mais se percebe a norma, pois se trata de um campo com uma realização perfeitamente desenvolvida, isto é, o sistema auditivo pode com clareza estabelecer as diferenças do que é estranho numa comunidade isoglósica, ou seja, do que ali naquele ambiente é tido ou não como normal.

Exemplo disso é o fonema /o/. No português, esse fonema admite tanto uma pronúncia aberta /ɔ/, como uma pronúncia fechada /o/. Como ocorre nas palavras *rosa* e *esposo*. Como assinala Coseriu (COSERIU, 1979 [1952], p. 57), “temos, por conseguinte, um único fonema /o/ no sistema, duas variantes típicas, dois tipos de o, na norma, e, finalmente, uma infinidade de realizações distintas (variantes individuais e ocasionais) no falar concreto e nos atos linguísticos”. A figura abaixo sintetiza essa ideia:

Figura 1: Fonema (o)



Fonte: Coseriu (1979, p. 57)

Como se observa na figura acima, o sistema, que é um sistema de possibilidades, possibilitou para um único fonema as pronúncias aberta ou fechada. A determinação sobre cada uma veio através da repetição pelo falante, e essa determinação é chamada por Coseriu de norma.

Ainda no campo fonológico, vale a comparação do português brasileiro com o português lusitano. Embora seja uma só língua, de um ponto de vista do sistema, com a mesma estrutura linguística, a língua é pronunciada de forma diferente nos dois países. Conforme Duarte (2001), Coseriu afirma não haver nenhuma oposição distintiva na língua, mas na norma há e são perfeitamente notáveis: “Pensemos na norma lusitana e na brasileira. Para nós, brasileiros, os portugueses falam com mais dureza e nós, brasileiros, temos uma fala mais musicada” (DUARTE, 2001, p. 161).

Outro exemplo é a oposição fonológica representada pelo fonema /r/ em suas várias realizações. Comumente, o /r/ tem uma pronúncia reforçada quando está no início da palavra, acompanhado de outro *rr* (dígrafo), ou antecedido pela consoante *n*, e tem uma pronúncia vibrante simples quando está entre duas vogais. No entanto, na região sul do Brasil é normal uma palavra com o *r* reforçado (**rr**/**nr**/ ou **r** no início da palavra) ser pronunciada com uma vibrante múltipla.

Essa realização fonética naquela comunidade é dada como normal. No entanto, o um falante sulista que deixar aquele lugar e se mudar para outra região que não compartilha daquela mesma norma, logo seria identificado como alguém estranho àquele lugar. Esse falante não seria julgado como um não falante do português, mas simplesmente que possui uma norma linguística diferente daquela adotada pela comunidade em que ele agora habita. Nesse sentido, Coseriu (1979, p. 56) dirá que “os limites do registro não são indiferentes, mas, ao contrário, bem determinados, e caracterizam a individualidade de cada língua”.

Relativamente ao campo da morfologia, Coseriu chama a atenção para aqueles erros observados na fala de crianças na fase de aquisição da língua, como os erros de flexão verbal. Para ele, tais equívocos ocorrem porque as crianças ainda não conhecem suficientemente os fatos da norma. Por exemplo, é comum ouvir uma criança dizer “cabeu”, em vez de dizer coube, ou ouvir uma pessoa de baixa escolaridade dizer “barreu” em vez de varreu.

No primeiro caso, observa-se que embora a norma não admita essa construção, deve-se levar em consideração que o verbo *caber* é irregular, apresenta alterações em sua conjugação, o que dificulta a aquisição pela criança. Nesse caso, a criança irá procurar um meio funcional para que a comunicação ocorra. Ademais, isso ocorre através de um processo

analogico em que a criança busca respaldo em outras construções semelhantes, como em *bateu*, do verbo *bater*.

Para o segundo caso, deve-se recorrer a uma explicação articulatória. Os fonemas /v/ e /b/ são articulados proximamente. O primeiro possui uma articulação labiodental, a segunda, bilabial. Isso faz com que uma pessoa pouco escolarizada faça a troca entre as letras e pronuncie *barreu* em vez de *varreu*. Ademais, deve-se levar em consideração que a troca de /v/ por /b/ não se trata de um fenômeno recente no português. Na história de desenvolvimento dessa língua /v/ e /b/ intercambearam para moldar a estrutura das palavras. Trata-se de um processo metaplasmatismo nomeado de degeneração.

Nesse sentido, pode-se justificar que essas “anormalidades” são compreensíveis diante das possibilidades oferecidas pelo sistema e não é raro encontrá-las na fala do brasileiro. Sobre isso, Coseriu diria que:

tais erros procedem quase sempre duma aplicação das oposições funcionais do sistema contrária à aplicação consagrada como normal na respectiva comunidade linguística, isto é, da utilização anormal de meios que o sistema proporciona como formas ideais, desligados do uso concreto, mas que a norma fixou, codificou e classificou em moldes tradicionais de realização (COSERIU, 1979, p. 59).

Coseriu vê na morfologia um campo em que as palavras poderiam ter sido determinadas de outra maneira pela norma, já que o sistema “é um conjunto de vias abertas e fechadas, de coordenadas prolongáveis e não prolongáveis” (COSERIU, 1979, p. 61). No que concerne aos fatos da norma, a derivação é extremamente produtiva, devido à funcionalidade do sistema e à criatividade do indivíduo diante das possibilidades de comunicação do dia-a-dia. Segundo Coseriu, “no que concerne à formação das palavras, à derivação e à composição, a distinção entre norma e sistema manifesta-se em relação às necessidades cotidianas expressivas de qualquer falante” (COSERIU, 1979, p. 61).

Corroborando, Duarte (2001, p. 161) argumenta que “no sistema do português, a terminação *ária* (sufixo) indica ‘lugar que se vende alguma coisa’, por exemplo pão-padaria; no entanto, não há equivalentes, na norma, para por exemplo, disco-discaria ou remédio-remediaria”. Percebe-se, assim, que muitas vezes os caminhos abertos do sistema podem ser inviáveis, pelo menos para uma determinada sincronia.

Concernente à derivação, Coseriu afirma que nem sempre a formação de palavras é determinada pelas possibilidades condicionadas pelo sistema. É o caso da terminação de alguns substantivos femininos que não mantiveram um padrão ao se formarem:

[a] norma escolhe, fixa e opõe as variantes. Assim, por exemplo, para o feminino dos nomes de agente terminados em –tor, o sistema proporciona as possibilidades –tora e –triz, mas na realização normal esses modelos se opõem e se diversificam: a norma prefere actriz e diretora. (COSERIU, 1979, p. 62)

Entende-se, assim, que a norma escolhe, fixa e opõe os usos linguísticos, mas é importante considerar a participação do sistema nesta afirmação, pois a norma determina o que é repetido várias vezes dentre as possibilidades oferecidas pelo sistema. O sistema abre as possibilidades, mas a opção mais repetida é que será fixada pela norma.

A sintaxe é outro campo gramatical em que se pode localizar fatos da norma. Para Coseriu, a sintaxe é o terreno mais difícil de se perceber a distinção entre a norma e o sistema: “Todavia, acreditamos que isso pode ser feito, porque não consideramos que este campo pertença antes à fala que a língua” (COSERIU, 1979, p. 62).

Em busca de um maior entendimento deste assunto, vale a seguinte pergunta: a sentença pertence à língua ou à fala? Essa pergunta é relevante porque a sintaxe é o componente da gramática que segmenta as partes da oração de forma combinatória, onde cada termo exerce uma função específica, porém de forma interdependente, carregada por uma entonação. Sobre isso, Rocha Lima (2005, p. 232) argumenta que “a entonação, traço para a conceituação de frase, é o que lhe dá, a esta unidade de sentido, demarcando-lhe começo e fim, e apontado-lhe o propósito (declarativo, interrogativo, etc.)”. Diante desse argumento, pode-se concordar com Coseriu que a sintaxe é tão pertencente à língua quanto à fala:

[a] oração é infinitamente variável e universal **pelo que expressa**, mas não nos parece que o seja também **pelo modo como o expressa**: no que tem de lingüístico, a oração ‘pertence a língua’ na mesma medida que os demais fatos da linguagem, ou seja, por sua estrutura ideal e pela norma de sua realização” (COSERIU, 1979, p. 63).

Contudo, só é possível estudar sintaticamente as estruturas linguísticas através dos fatos da fala, registrados na escrita. Como argumenta Coseriu (1979, p. 63), “todos os fatos da língua devem ter sido alguma vez fala”. Logo, entende-se que a oração é composta de elementos linguísticos que se realizam na fala.

O Brasil é um país extenso territorialmente e, por isso, possui as mais variadas comunidades linguísticas, isoglossas, para utilizar a terminologia que Coseriu comumente

utilizava. Com isso, é comum que a mesma sentença seja dita/escrita de maneiras diferentes em cada comunidade. Duarte (2001) traz um exemplo esclarecedor de uma norma específica da fala do gaúcho de fronteira:

O gaúcho da fronteira diz *le conto, le digo, le falo*, fato que é modelo aceito e repetido, norma, nessa região (principalmente por influência do espanhol). O uso do *le* (pronome) não está previsto no sistema do português, aliás, é inexistente; o previsto é o pronome *lhe*. Neste caso, a oposição *le/lhe* não se encontra no sistema, mas dentro de uma norma específica. (DUARTE, 2001, p. 162)

O fato curioso é que Duarte, embora pareça dialogar com Coseriu, diga que “a oposição *le/lhe* não se encontra no sistema, mas dentro de uma norma específica”. Talvez se pudesse dizer que o pronome oblíquo *le* não faz parte da norma culta padrão, embora exista como norma da comunidade linguística a que Duarte faz referência. Ademais, se esse pronome existe como norma para essa comunidade é porque o sistema permitiu essa possibilidade. Este parece ser um caso de uma oposição que surge a partir da despalatalização do fonema [ʎ], e, nesse caso, pode-se dizer que as duas oposições se encontram previstas no sistema da língua portuguesa.

No norte do Brasil, é comum ouvir construções como: *Ontem, amanheci o dia dormindo*. Conforme a norma gramatical padrão, o verbo *amanhecer* não pode ser conjugado com pronomes pessoais, visto que ele é classificado como fenômeno da natureza, ou seja, só tem a possibilidade de ser conjugado com os advérbios de tempo (ontem, hoje, amanhã). Trata-se de um verbo intransitivo, que não precisa de complemento, pois por si só já explica o quer dizer (amanheceu – raiou, surgiu um novo dia).

Outro motivo que torna estranha essa construção sintática é o fato de o verbo em questão, *amanhecer*, ao ser conjugado com algum pronome pessoal, traga uma conotação de atraso, de alguém que não tenha levantado no horário. Porém, a repetição dessa oração pela comunidade onde ela se tornou normal fez com que ela se tornasse a norma fixada pelos falantes dessa comunidade específica, fazendo com que essa oração signifique, isto é, que seja compreendida pelos demais falantes da comunidade como algo relacionado ao acordar tarde.

Nesse sentido, convém trazer esta discussão o que Coseriu (1979, p. 65) argumenta: “entre as variantes dum esquema sintático permitidas pelo sistema, uma pode ser considerada como realização normal da língua dada, enquanto as demais, são anormais, ou adquirem normalidade só numa determinada convenção estilística”. Dessa forma, não se deve rotular o que é certo ou errado numa língua, principalmente no que se refere aos usos diversos de

comunidades linguísticas diversas, mas se deve considerar o que é normal ou anormal no uso dessas comunidades.

O último campo que Coseriu apresenta em que se pode encontrar fatos de norma é o do léxico. Assim como ocorre com a sintaxe, o autor vê dificuldades em distinguir as oposições entre sistema e norma no campo lexical, isto é, onde atuam as funções representativa e associativa. Para Coseriu (1979, p. 66), tais “dificuldades se devem à enorme complexidade e infinita variedade das oposições que se estabelecem neste campo e tornam tão árduo o estudo sistemático do vocabulário”. Em outras palavras, essa dificuldade se deve ao fato de que mais uma vez o sistema apresenta uma infinidade de vias abertas e fechadas acerca de um mesmo código.

Vale aqui um retorno ao que diz Saussure sobre o signo linguístico e sobre sua arbitrariedade. Saussure (2012) afirma que o signo linguístico é a união de um conceito e de uma imagem acústica e classifica os termos subsequentes da seguinte maneira:

[...] propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante; esses dois termos tem a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total que fazem parte. (SAUSSURE, 2012, p. 107).

Exemplificando o que diz Saussure a respeito da natureza do signo linguístico, convém imaginar a figura de um animal quadrúpede, de mais ou menos 1,70 de altura, que tem a pele revestida por pelos, com calda grande que lembra os cabelos lisos e amarrados de uma mulher. À mente automaticamente vem a imagem de um cavalo. Considere as descrições feitas como conceito, ou significado, e sua nomenclatura, cavalo, como significante.

Saussure (2012, p. 108) assinala que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário”. Sistematizando a função do signo linguístico com os fatos de norma, Coseriu (1979) entende que a forma como a função associativa se realiza é que estabelece a norma:

[...] acreditamos que no que, concerne ao léxico, correspondem ao sistema a particular classificação conceitual do mundo que toda língua representa (função representativa) e a maneira peculiar pela qual essa classificação se realiza formalmente em cada idioma, tanto no momento da criação do signo como em sua repetição (função associativa). (COSERIU, 1979, p. 66)

Isso explica porque muitos conceitos possuem, em algumas comunidades linguísticas mais de um significante, ou seja, mais de um nome. Como ocorre com nomeações para o lugar onde o rio começa. O mesmo significante (lugar onde o rio começa), ou realidade no mundo empírico, pode ser nomeado de diversas formas, como nascente, cabeceira, mina, olho d'água, minadouro, fonte.

Conforme assinalam BOTELHO, MARRA e MARTINS (2019, p. 44), em um estudo que evidencia as várias formas de se nomear uma realidade no mundo empírico, como é o caso de *lugar onde o rio começa*, um grupo de palavras se formaram em torno de um significante:

Como evidenciado, uma única designação⁶ (terminologia coseriana) reúne em torno de si vários significados (unidades particulares de designação, unidades lexicais) cujas histórias individuais permitem o rastreio de suas origens, a observação de suas transformações metaplasáticas e as mudanças semânticas por que passaram para chegar à sincronia atual significando e trazendo consigo a ilusão de identidade com a coisa nomeada. (BOTELHO, MARRA e MARTINS, 2019, p. 44).

Parece evidente que os significados, as unidades particulares de designação, variam de acordo a comunidade linguística, fazendo com que os signos possam ter significados nucleares ou laterais (secundários). Nesse sentido, Coseriu assinala que:

[...] um determinado significado é “nuclear” ou principal, enquanto os demais são “laterais”, dentro da esfera de significados possíveis desses nomes (...); mas o fato de existirem os significados laterais ou secundários (permitidos pelo sistema mas não comuns, ou complementares, ou fixados em determinados empregos tradicionais, na norma) é muito importante, pois explica o mecanismo de muitas alterações semânticas, dado que justamente pelos significados laterais, as

⁶ Marra (2020, p. 108) argumenta que Coseriu ressignifica a dicotomia saussuriana significado e significante na tripartição “designação, significado e sentido”. Segundo ele, esse conceito tripartite “encontra eco na distinção significado, sentido e referência de Gottlob Frege (1978[1892]) e também na dicotomia significado e significante de Ferdinand de Saussure (2006[1916]). As distinções saussurianas recaem em uma “associação psíquica bipolar” (GUIRRAUD, 1972, p. 22), que compreende “a forma significante e o conceito significado”. Para Saussure, somente o significante (imagem mental da coisa) e o significado (a imagem mental da forma fônica) pertencem ao sistema da língua. Nessa perspectiva, um dado linguístico representado pela forma fônica (psíquica) reclama uma coisa (ou a imagem da coisa), ou o processo contrário, em razão de uma convenção social. O posicionamento de Saussure tem o mérito de colocar em destaque o caráter psíquico do dado linguístico, mas sofre críticas por excluir do processo significativo a coisa nomeada, o objeto do mundo empírico. Nesse sentido, Frege foi mais coerente ao tratar do processo de significação. Para ele, o significado (um dado linguístico qualquer) resulta da noção de referência, o objeto no mundo, e do sentido que esse objeto carrega. Noções análogas emprega Coseriu”.

esferas significativas dos vários signos se entrecruzam e se relacionam (COSERIU, 1979, p. 67).

Nesse mesmo sentido, Silva (2006, p. 298) fala sobre a importância da categorização no processo de classificação, nomeação e organização da realidade como um artifício de “redução da complexidade do mundo em que vivemos”. A categorização é assim vista como uma facilitadora da aprendizagem e uso de uma língua, uma vez que a cognição humana acomoda os significados das coisas em categorias mais ou menos hierarquizadas em torno de um centro prototípico⁷.

Desse modo, invocando os conceitos de categorização e prototipicidade (do inglês 'prototypicality'), Botelho, Marra e Martins (2019, p. 45) argumentam:

Este estudo mostrou que embora as terminologias *mina*, *nascente*, *olho d'água*, *cabeceira*, *fonte* estejam todas relacionadas com o sentido básico da categoria, o sentido prototípico básico que define a categoria *lugar onde o rio começa* está mais centralizado em torno do termo *nascente* do que em torno de *cabeceira*, e de outros que gozam de uma definição mais periférica no aparelho conceitual dos utentes participantes da pesquisa. Nesse sentido, unidades lexicais que compõem uma mesma categoria podem não gozar do mesmo *status* de igualdade ao conceituar um determinado significante. A categorização exerce, assim, uma função fundamental e necessária, pois facilita a apreensão e organização do mundo através da linguagem, permitindo aos utentes, sempre que necessário, avaliar o grau de prototipicidade dos conceitos e usar o mais adequado para a situação comunicativo-pragmática. Além disso, permite à cognição humana que acomode e interprete novas palavras e as mudanças semânticas decorrentes do uso no interior de categorias já existentes na língua. (BOTELHO, MARRA e MARTINS, 2019, p. 45)

É importante ressaltar que Coseriu não utilizou termos como categorização e prototipicidade, mas parece haver um eco dessas terminologias em suas terminologias “significado nuclear ou principal” e “significado lateral ou secundário”, principalmente em relação aos sentidos de centralidade e periferia que os primeiros termos invocam.

Duarte (2001) considera que as concepções de Coseriu relativas ao sistema e a norma explicam certos fatores de compreensão no que concerne à aceitação de alguns termos:

⁷ A teoria dos protótipos surgiu no âmbito da Psicologia Cognitiva. Eleanor Rosch trouxe importantes contribuições sobre o processo de categorização. Nesse sentido, Aragão Neto (2008, p. 43) ressaltou que “Rosch mostrou [...] que há membros mais, e outros menos, representativos de uma categoria: para a categoria ave, por exemplo, *canário* e *pombo* estão entre os membros mais prototípicos, e *avestruz* e *pinguim* entre os menos”.

[...] podemos dizer que no sistema existem elementos e mecanismos que asseguram a criação de novas realizações para uso da comunidade e do indivíduo, e na norma elementos e mecanismos que a caracterizam, determinam e diferenciam uma comunidade ou grupo social de outros socioculturalmente diferentes. (DUARTE, 2001, p. 163).

Essa compreensão torna a concepção coseriana sobre sistema e norma um dos pontos determinantes para o estudo de uma língua, ou seja, não se pode estudar o sistema de uma língua sem a compreensão das normas que o regulamenta.

Esclarecemos, ademais, que não se trata da norma no sentido corrente, estabelecida ou imposta segundo critérios de correção e de valoração subjetiva, mas sim da norma objetivamente comprovável numa língua que seguimos necessariamente por sermos membros duma comunidade linguística, e não daquela segundo a qual se reconhece que falamos bem ou de maneira exemplar, na mesma comunidade. (COSERIU, 1979, p. 69)

Coseriu, evidentemente, reconhece o sentido que o termo norma carrega tradicionalmente e se apressa em explicar que norma linguística se distingue de norma prescritiva, que traz consigo os “critérios de correção e de valoração subjetiva”. Norma linguística, sistema normal, está relacionada ao que foi fixado e determinado através da repetição pelos falantes de uma mesma comunidade.

Para Duarte (2001, p. 163), “a distinção normal/anormal é bastante útil no momento em que se procura registrar e explicar modalidades usadas por determinados grupos e não por outros. Estaria aqui uma fundamentação da sociolinguística estrutural”. A norma expressa aqui é aquela eleita pelos membros de uma comunidade linguística e não carrega consigo aspectos valorativos sobre certo ou errado, mas sim sobre o que é normal dentro de uma comunidade.

Nesse sentido, Duarte (2001, p. 163) argumenta que a concepção coseriana torna-se fundamental, pois ele “desvincula o conceito de norma do critério certo/errado, muito utilizado pelas gramáticas normativas, explicando os diferentes usos linguísticos não por critérios de valor, mas por modelos objetivamente comprovados, repetidos e seguidos”.

Contudo, aquilo que não está na norma, ou o que não é normal naquela comunidade, será tratado como uma infração da norma e será percebido como estranho, pois ainda não se fixou no uso. Assim, Coseriu (1979, p. 69) argumenta que o que deve ser analisado em um estudo dessa natureza é o que se diz e não o que se deve dizer. Assim, para ser entendido

como norma é preciso que já tenha fatos registrados historicamente, ou seja, modelos repetidos anteriormente.

O linguista romeno afirmou em suas publicações que entre língua e fala há elementos pertinentes criados e repetidos por uma comunidade durante o ato linguístico. Como afirmou, numa língua descobrimos “elementos sociais, isto é, normais e repetidos no falar de uma comunidade, e que, entretanto, não pertencem ao sistema funcional das formas linguísticas, ou seja, já sobre a base do chamado ‘produto linguístico’ se pode estabelecer um sistema normal” (COSERIU, 1979, p. 45).

A fala, sendo uma realização individual de uma língua, que é um produto linguístico coletivo, concebe elementos comuns dentro de uma comunidade, a que Coseriu chama de norma, uma realização normal dessa comunidade. Para que esses elementos sejam repetidos e se consagre como normal num determinado campo é preciso que ela seja aceita pelos falantes da comunidade linguística. Segundo Marra (2012, p. 12), “o indivíduo apenas reproduz o padrão coletivo”, compreendendo que os elementos reproduzidos já foram compartilhados e aceitos pelos falantes.

Num panorama social, as comunidades linguísticas compartilham, além de traços no falar, comportamentos e outros fatores que permitem a sua identificação. Segundo Marra (2012), repetindo Labov (1994), “o indivíduo pode apenas ser entendido como um produto de uma história social única e do cruzamento dos padrões linguísticos de todos os grupos sociais e categorias que o definem”. Tal cruzamento permite localizar o falante no interior de uma comunidade de fala e interpretar a sua fala como representativa do grupo de falantes devido às normas adquiridas do grupo. Conforme Marra (2012), “a comunidade de fala é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas concernentes ao uso da língua”.

A comunidades de fala é a realidade social mais possível de ser identificada e, portanto, estudada. Nela pode-se absorver as mudanças linguísticas, inclusive de forma atualizada. Geralmente, fatores sociais como faixa etária, classe social, gênero, dentre outros, contribuem para a identificação de uma comunidade de fala. Estudando a história de tal comunidade é possível entender e desmitificar certos conceitos pré-estabelecidos por pessoas alheias a essa realidade linguística.

Estudar uma comunidade linguística requer um aprofundamento também do contexto de vida dos seus participantes, para que se possa compreender não apenas a norma linguística dessa comunidade, mas também com essa norma muda ao longo do tempo. Ao conceituar norma como elementos normais dentro de uma comunidade linguística, Coseriu destaca que o

que é estranho para as pessoas alheias a uma comunidade não deve ser tratado de certo ou errado, mas de normal e anormal. Para o autor, “já não se trata de um conceito linguístico, mas de um conceito mais amplo, dado que a gramática e o dicionário não contêm somente as oposições sistemáticas duma língua, mas tudo o que é normal nas expressões de uma comunidade” (COSERIU 1979, p. 47).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de Coseriu sobre norma linguística teve o intuito de reconfigurar a dicotomia saussuriana língua e fala de modo a eliminar certas controvérsias nos estudos da linguagem. Na concepção do linguista romeno, algumas considerações que compuseram o CLG, no que concerne língua e a fala eram insuficientes e/ou contraditórias. Coseriu entendia que a ênfase saussuriana nos estudos sobre a língua, acabou tirando o foco do estudo da fala. A língua poderia ser estudada sem referência à fala porque faltava algo que estabelecesse a relação de interdependência que há entre esses dois elementos. Esse elemento de ligação é a norma.

Esta dissertação delineou brevemente um capítulo particular da teoria linguística do século XX em que o linguista romeno Eugenio Coseriu desempenhou um papel importante na conceituação do objeto da linguística, como sistema, norma e fala, colocando ênfase sobre a norma como um elo entre os outros dois conceitos. Como considerações finais, traz alguns argumentos sobre a importância da teorização de Coseriu no contexto da linguística geral e porque sua teoria merece ser colocada em debate mesmo depois de mais de meio século em que ela foi delineada.

Certamente, a contribuição original mais celebrada e reconhecida de Coseriu é a concepção de norma que certamente ocupa um lugar muito central em sua reconfiguração da dicotomia *langue* e *parole* de Saussure. Segundo Nadia Obrocea (2016, p. 89), a obra Sistema, norma e fala (1952) de Coseriu “representa para os linguistas, sejam eles seguidores ou não de Coseriu” um marco teórico fundamental na definição do conceito de norma linguística. Para a autora, a “abordagem de Coseriu é caracterizada por uma genuína profundidade de visão, que se concentra em relacionar a noção de norma a outros conceitos linguísticos, e pela complexidade metodológica”.

Henning Andersen (2009, p. 18), refere-se aos principais estruturalistas, como Nikolaj Trubetzkoy, Roman Jakobson, Louis Hjelmslev, Viggo Brøndal, Eugenio Coseriu, como aqueles que reconheceram as regularidades de uso que estão além do “sistema estruturado” e fizeram compreender a relação entre tais regularidades e o sistema. Andersen, além disso, chama a atenção para a profunda discussão das questões levantadas em Coseriu (1952).

Certamente, em seu ensaio Sistema, norma e fala (1952), Coseriu estabelece a norma como um elo entre as distinções de Saussure *langue parole*. A introdução do conceito de norma resultou de seu desacordo com a dicotomia de Saussure, mas talvez tenha sido motivada pela distinção *schéma* (*langue forme pure*), *norme* (*la forme materielle*) e *usage*

(*l'ensemble des hábitos*) de Hjelmslev (1942). A noção de esquema estava em um trabalho anterior (Hjelmslev, 1937) referida como *systeme*. Essas três subdivisões estão todas relacionadas ao conceito de *langue*. Hjelmslev viria a rejeitar o conceito de norma, por considerá-lo supérfluo, “uma abstração extraída do uso por um artifício de método” (Hjelmslev, 1942, p. 43), diferentemente de *schéma* e *usage*, que representam realidades, e norma é, para ele, uma ficção.

Assim, nas críticas de Hjelmslev (1942, p. 43) direcionadas à distinção de Saussure o que ele considera “essencial e realmente novo” é o que ele chama de *schéma*, ou a forma pura da linguagem, “definida independentemente de sua realização social e de sua manifestação material”, ao passo que “o uso (*usage*) nada mais é do que um conjunto de possibilidades entre as quais qualquer ato teria livre arbítrio” (p. 42). Assim, para Hjelmslev (1942, p. 43) a “distinção entre esquema e uso é a única subdivisão essencial”. Assim, ele propõe substituir a distinção *langue* e *parole* de Saussure, pois “constitui uma primeira aproximação, historicamente importante, mas teoricamente imperfeita” (Hjelmslev, 1942, p. 44).

Como já dito anteriormente nesta dissertação, alguém pode questionar por que Coseriu insiste na noção de norma se o próprio Hjelmslev já a havia abandonado. O fato é que Coseriu não apenas o traz de volta à luz, mas a torna central para sua reconfiguração da distinção de *langue* e *parole* de Saussure. Além disso, em uma discussão posterior, ele introduz o conceito de tipo linguístico como a mais alta dimensão da estruturação da linguagem. Assim, tipo linguístico, sistema, norma e fala resumem sua visão da configuração da linguagem.

Para entender por que Coseriu insiste na noção de norma, deve-se deixar a teoria de Hjelmslev e voltar para a teorização de Saussure, porque Coseriu acreditava que o campo da linguística estava fundado sobre conceitos erroneamente concebidos e, portanto, os linguistas involuntariamente continuaram a replicar os mesmos pressupostos básicos encontrados nesses conceitos, como era o caso da teoria fonológica de Trubetzkoy. Para Coseriu, a dicotomia *langue* e *parole*, ao invés de inadequada, é insuficiente, pois *langue* pode ser concebida como uma instituição social, ou seja, como um sistema normal (*langue* I), e, em sentido restrito, como um sistema funcional (*langue* II), pois nem tudo o que é normal (social, constante) é necessariamente, e no mesmo plano, funcional (COSERIU, 1952).

Para Coseriu, os estudos linguísticos com formação saussuriana negligenciaram o sistema normal e restringiram a análise ao sistema funcional (*langue* II). Essa postura leva a

uma oposição entre a língua, como sistema ideal, e sua realização concreta. O problema dessa oposição é que o estudo do sistema normal da linguagem é atribuído à *parole*, oposição que não é mais saussuriana. As críticas de Coseriu à fonologia de Trubetzkoy se devem à divisão que ele coloca entre a fonologia como ciência da *langue* e a fonética como ciência da *parole*.

Para Coseriu, a fonologia, como ciência da *langue*, não poderia se limitar ao estudo das oposições funcionais (como se encontra na teoria de Trubetzkoy), mas também deveria levar em conta as realizações normais, enquanto a fonética focalizaria o estudo das realizações concretas. Como se queixa Coseriu (1952, p. 15), “tudo em *langue* I (instituição social) que não coincide com *langue* II, se não se quer introduzir uma nova cisão entre individual e social, ou melhor, entre heterogêneo e homogêneo”, foi erroneamente atribuído à “realização do sistema”.

Konrad Koerner (1971) posiciona Coseriu ao lado de Hjelmslev e Chomsky como estudiosos pós-saussurianos que fizeram diferentes interpretações da terminologia *langue* e *parole* de Saussure. Além de alguns críticos da interpretação de Coseriu, Koerner afirma que “Coseriu corretamente percebe que o contraste social/individual que Saussure parece ter usado frequentemente para esclarecer sua dicotomia *langue/parole* é enganoso e obscurece os aspectos linguísticos relevantes de sua distinção” (Koerner, 1971, p. 249).

Como a *parole* é tão social quanto a *langue*, Coseriu argumentaria que “essa oposição é insustentável”. No entanto, em vez de rejeitar a distinção de Saussure, Coseriu relaciona esses dois conceitos com sua noção de norma. Logo, enquanto “a *langue* deve ser considerada como o sistema funcional (e “ideal”) que permite ao falante individual a realização concreta na fala, a norma representa a realização real das convenções social, histórica e culturalmente motivadas, independentemente de serem linguisticamente funcionais, e a *parole* representa a atividade (individual) da fala (COSERIU, 1970, p. 79 *apud* Koerner, 1971, p. 250).

Discutindo a concepção de norma de Coseriu, Iorgu Iordan e John Orr (1970, p. 455) destacam que “a ‘norma’ inflexível é sustentada por um ‘sistema’ mais flexível, permitindo, dentro de certos graus de tolerância, espaço para a liberdade individual”. Além disso, esses autores argumentam que a concepção de norma de Coseriu “rompe o nó górdio de como discutir ‘mudança’ em termos de ‘estrutura, permitindo que a mudança seja descrita em termos ‘mais ou menos’ em vez de ‘isso ou aquilo’, e sobretudo sem perder de vista o papel dos falantes na história da língua”. Esses autores também argumentam que as noções de

‘schéma’ e ‘uso’ de Hjelmslev correspondem em alguns aspectos ao ‘sistema’ e ‘norma’ de Coseriu, enquanto seu conceito de ‘ato’ evoca a noção de fala de Coseriu.

Muitos estudiosos dentro e fora do campo da linguística escreveram ensaios importantes sobre o conceito de norma. Stanley Aléong (1983) faz uma análise perspicaz de uma perspectiva antropológica. Ele evoca o uso particular e técnico do termo norma por Hjelmslev e Coseriu, como exceções na teoria linguística, para dizer que o estudo desse conceito é amplamente ignorado na linguística, uma vez que essa ciência não se preocupa com juízos de valor individuais ou coletivos de fatos linguísticos. Assim, ele conclui que na medida em que o valor de uma forma linguística não corresponde a nenhuma realidade objetiva fora da consciência dos falantes, o estudo da norma é mais do domínio da psicologia, sociologia, antropologia e história.

Do ponto de vista da linguística, são notáveis as discussões de Alain Rey em seu célebre artigo *Usages, jugements et prescriptions linguistiques* (1972). Após uma análise detalhada das distinções de esquema, norma e uso de Hjelmslev, Rey elogia o trabalho de Coseriu (1952) por considerá-lo “mais explícito e também mais pedagógico” (REY, 1972, p. 9). Além disso, Rey questiona se Chomsky (1965) conhecia as reflexões que Hjelmslev e Coseriu fizeram sobre a distinção *langue* e *parole* de Saussure quando propõe rejeitar o conceito de *langue* de Saussure, uma vez que “o conhecimento do falante da língua, objeto da gramática gerativa (Chomsky, 1965), um conhecimento idealizado, pressupõe como ‘constante’ um conhecimento concreto de uso, que, por sua vez, pressupõe uma ‘norma’” (REY, 1972, p. 11).

Ducrot e Todorov (1972), talvez, façam as análises comparativas mais detalhadas da distinção de Hjelmslev e Coseriu, como mostra a tabela a seguir:

Quadro 1: Distinção hierárquica de Coseriu

	HJELMSLEV	COSERIU
Relações abstratas formais	Sistema / Esquema	
Traços distintivos concretos	Norma	Sistema
Traços concretos não distintivos, mas obrigatórios	Uso	Norma
Traços concretos não distintivos, nem obrigatórios		Fala

Adaptado de Ducrot & Todorov (1972, p. 165).

O quadro de Ducrot e Todorov apresenta a distinção hierárquica de Coseriu deslocada um grau para baixo em relação à de Hjelmslev, pois Coseriu rejeita o caráter formal do sistema enfatizado por Hjelmslev:

O conceito de sistema de Coseriu está próximo do conceito de norma de Hjelmslev: é a parte funcional da linguagem. Assim, a definição sistemática de um fonema indicará essencialmente seus traços distintivos. A norma, para Coseriu, corresponde a uma parte do que Hjelmslev inclui sob o título de ‘uso’. É tudo o que é socialmente obrigatório no uso do código linguístico. O aspecto normativo do fonema é então o conjunto de restrições impostas a uma dada sociedade para sua real realização (incluindo traços não distintivos e, por exemplo, variáveis contextuais). É em um terceiro nível, o da fala, que devemos colocar todas as variações que o falante pode tecer na tela social (DUCROT & TODOROV, 1972, p. 164-165).

Leitores desta dissertação poderão ainda questionar o que a contribuição original de Coseriu trouxe para a linguística que outras teorias não trouxeram. No entanto, talvez essa pergunta seja, em certa medida, inadequada. A pergunta certa deve ser colocada em termos de por que parte de suas teorias originais foi negligenciada, privando-o de ser reconhecido como autor de novos modelos linguísticos.

Nesse sentido, é válida uma recorrência a Jordan Zlatev (2011), um pesquisador de renomada reputação em linguística cognitiva e semiótica, e que recentemente “descobriu” a linguística integral de Coseriu, teoria que parte da matriz coseriana dos níveis da linguagem, que argumenta que mesmo não tendo o privilégio de ler o trabalho mais abrangente de Coseriu “devido à barreira linguística”, visto que a obra original de Coseriu foi escrita em espanhol, “é possível supor que a linguística não estaria em seu atual estado de fragmentação se, meio século atrás, tivesse seguido a liderança de pensadores como Coseriu em vez de outros como Chomsky” (ZLATEV, 2011, p. 132).

Além de atribuir o ostracismo de Coseriu no âmbito da linguística geral atualmente, Marra (2022, no prelo) argumenta que a obscuridade das teorias de Coseriu se deve, além barreiras linguísticas, a uma espécie de boicote acadêmico-ideológico, erros estratégicos ou alguma combinação destes. Conforme argumenta Marra (2022), dialogando com Kabatek (2017), fica claro, desde o início, que Coseriu tinha uma evidente intenção de se destacar como autor de modelos teórico-linguísticos.

O período que Coseriu trabalhou em Montevideu foi um período de profunda contribuição com a linguística, trazendo à luz textos marcantes como *Sistema, norma y habla* (1952), *Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje* (1954), *Determinación y entorno*

(1955a), *La geografía lingüística* (1955b) e *Sincronía, diacronía y historia* (1958). Destes, principalmente Coseriu (1952), (1955a) e (1958) foram os responsáveis por tornar o nome de Coseriu conhecido nos círculos linguísticos de todo o mundo e por delinear o que se pode chamar de concepção coseriana de linguagem. Todos esses textos foram originalmente escritos em espanhol, o que pode, apesar da relevância de suas reflexões sobre a linguagem, ter causado uma recepção desigual na linguística geral. Segundo Marra (2022),

O próprio Coseriu, ao apresentar um artigo em inglês (*UCLA Conference on Causality and Linguistic Change*, Los Angeles, maio de 1982 [ver COERIU, 1982, p. 147]), queixa-se do fato de que sua teoria sobre a mudança linguística delineada em seu artigo *Sincronía, diacronía e historia* (1958) “nem sempre foi compreendida, por causa do ‘*Hispanicum est, non legitur*’ (É espanhol, não será lido)”. Coseriu acrescenta que a ignorância que cerca sua teoria também pode ter a ver com “a estranheza” com que sua formação era vista “no espírito da época, especialmente no mundo de língua inglesa”. Provavelmente, esta última queixa diga respeito à sua formação humboldtiana em um contexto de efervescência das ideias de Saussure (MARRA, 2002, no prelo).

Ainda segundo Marra (2022), outra circunstância que pode explicar o ostracismo de Coseriu envolve uma espécie de boicote ideológico a sua obra, pelo menos no âmbito da pragmática. O surgimento da pragmática é convencionalmente datado do final da década de 1960 e início da década de 1970, período fortemente marcado pelos protestos estudantis de 1968 em diversas partes do mundo. Protestos a que Coseriu se opôs abertamente, já que tinha uma reputação conservadora ou de direita. Essa situação teria levado a uma rejeição de sua obra por amplos setores dos germanistas que defendiam as ideias de 1968. Desse modo, coube a Brigitte Schlieben-Lange [1943-2000], uma das alunas mais independentes de Coseriu, filha progressista de 1968, o mérito de abrir as portas às ideias coserianas também nos meios onde ele foi rejeitado.

Além disso, Kabatek (2017) aponta outras circunstâncias que poderiam explicar o ostracismo que envolve a teoria de Coseriu, como a recusa dele de participar de alguns círculos como, por exemplo, do campo emergente da pragmática, pois acreditava que “o que a pragmática descreve já havia sido delineado de forma mais coerente e mais clara em *Determinación y entorno*” (KABATEK, 2017, p. 29). Ademais, as críticas de Coseriu “à gramática gerativa e, posteriormente, à linguística cognitiva” revelam sua estratégia, que consistia em insistir “em suas próprias ideias para a criação de uma poderosa escola de pensamento ante as demais” (KABATEK, 2017, p. 29). Assim, conforme Kabatek, fora do círculo coseriano estritamente romanista, suas ideias circulariam com certas restrições.

À luz do exposto, pode-se argumentar que embora a obra de Coseriu tenha sido lida e debatida ao longo do tempo, ele não é geralmente reconhecido como um teórico de um novo modelo linguístico. Ao contrário, seu trabalho tem sido frequentemente lido como uma crítica ao estruturalismo clássico (sendo ele mesmo considerado um estruturalista devido a sua incursão pela semântica estrutural) e como uma introdução a teóricos como Humboldt, Saussure, Hjelmslev e Chomsky, e não como um teórico específico da linguagem.

No entanto, conforme argumenta Marra (2022), nos últimos anos, após a morte de Coseriu em 2002, tem havido um esforço crescente pela difusão de sua obra. Todos os anos tem ocorrido conferências em países como Peru, Alemanha, Itália, Espanha, Romênia, França e Uruguai para debater suas teorias e, eventualmente, posicioná-lo corretamente na história e filosofia da linguística. Argumenta-se, finalmente, que apesar dos contratempos que as teorias de Coseriu possam ter enfrentado, ou mesmo das deficiências de que possam sofrer, seu mérito é vastamente superior.

REFERÊNCIAS

- ALÉONG, S. Normes linguistiques, normes sociales, une perspective anthropologique. *La norme linguistique*, 255-280, 1983.
- ALTMAN, C. Eugenio Coseriu entre a Filologia e a Linguística Brasileira (1950-1963). *Revista de la Academia Nacional de Letras*, Uruguai, n. 13, p. 97-117, 2017.
- ANDERSEN, H. Living norms. In: LUNDE, I. & PAULSEN, M (Ed). **From Poets to Padonki: Linguistic Authority and Norm Negotiation in Modern Russian Culture**. University of Bergen, 2009. p. 18-33.
- ARAGÃO NETO, Magdiel Medeiros. Categorização: dá para não fazê-la? *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 5, n. 2, jul. dez., p. 37-67, 2008.
- BOTELHO, J. C.; MARRA, D.; MARTINS, M. R. A. S. Designações para nascente de rio no Centro-Oeste brasileiro: criação lexical e mudança semântica. *Revista Porto das Letras*, Porto Nacional, vol. 5, n. 3, p. 35-47, 2019.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. **Norma linguística do português no Brasil**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2014.
- CONCEIÇÃO, Roberta Bohrer. Normas linguísticas do português do Brasil. *Revista Sociodialeto*. Uberlândia MG, vol. 7, nº20. 2017.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. 1ª Ed. Editora Presença, São Paulo, 1979.
- COSERIU, E. **Lições de linguística geral**. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COSERIU, E. Linguistic change does not exist. In: ALBRECHT, J.; LUDKE, J. & THUN, H. (eds.). **Energie und Ergon: sprachliche variation, sprachgeschichte, sprachtypologie**. Studia in honorem Eugenio Coseriu. Tübingen: Gunter Narr, 1988. p. 147-157.
- COSERIU, E. Sincronía, diacronía y tipología. In: XI CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA ROMÁNICAS, 1965, Madrid. **Anais Actas del XI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas**. Madrid: Facultad de Filosofía y Letras, 1968. p. 269-281.
- COSERIU, E. Diacronía, sincronía e historia. El problema del cambio lingüístico. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias /Universidad de la República*, Montevideo, n.15, p. 201-361, 1958.
- COSERIU, E. Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar. *Universidad de la República. Facultad de Humanidades y Ciencias*, Montevideo, p. 29-54, 1955-1956. Disponível em: <http://www.romling.uni-tuebingen.de/coseriu/indexen.htm> Acesso em 05 mai. 2021.
- COSERIU, E. La geografía lingüística. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias /Universidad de la República*, Montevideo, n.14, p. 29-69, 1955.
- COSERIU, E. Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias /Universidad de la República*, Montevideo, n.12, p. 143-217, 1954.
- COSERIU, E. Sistema, norma y habla. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias /Universidad de la República*, Montevideo, n.9, p. 113-181, 1952.

DUARTE, Sirlene. A noção de norma segundo Eugênio Coseriu. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**. Vols. 2-3, pág. 155-164, 2001.

DUCROT, O; TODOROV, T. **Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage**. Fenix, 1972.

HERNANDES, Paulo. **Sistema, norma e fala**. Disponível em www.paulohernandes.pro.br; Dica n.º 68 - Sexta, 09.11.2001. Acesso em 20 de setembro de 2021.

HJELMSLEV, L. Langue et parole. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Berne, n.2, p.29-44, 1942.

IORDAN, I., & ORR, J.. *An introduction to Romance linguistics, its schools and scholars* (Vol. 8). Univ of California Press, 1970.

ITKONEN, E. On Coseriu's legacy. **Energeia. Online Journal for Linguistics, Language Philosophy and History of Linguistics**, Zürich, n. 3, 1-29, 2011.

KOERNER, K. Questões que persistem em Historiografia Linguística. **Revista da ANPOLL**, n. 2, p. 45-70, 1996.

KOERNER, K. Origin and development of his linguistic theory in Western studies of language. Burnaby, 1971.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Editora José Olympo. 47ª Edição. 2003

LOUREDA LAMAS, O. Entrevista con Óscar Loureda Lamas, por Eugenia Bojoga. **Revista electrónica de estudios filológicos**, n.14, dez. 2007. Disponível em <http://www.um.es/tonosdigital/znum14/secciones/entrevistas-%20loureda.htm> Acesso em: 18 jun. 2019.

MARRA DA SILVA, D. **Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 140 págs. 2009.

MARRA DA SILVA, D. **Whitney, Saussure, Meillet e Labov: implicações metodológicas e conceituais da noção de língua como um fato social para os estudos linguísticos**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 163 págs. 2012.

MARRA, D. Cerrado e Vereda: designação, sentido e mudança semântica. **Linha D'Água**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 105-127, 2020.

MARRA, D. Language Levels: Eugenio Coseriu's Linguistic Theory. (no prelo). 2022.

ZLATEV, J. From Cognitive to Integral Linguistics and Back Again. **Intellectica**, n.56, v.2, p. 125-147, 2011.

PINHEIRO, Clemilton Lopes. OLIVEIRA, Jéssica Santos. A COERÊNCIA SEGUNDO A PERSPECTIVA DA TEORIA DA LINGUAGEM DE EUGENIO COSERIU. **Revista do GELNE**, Natal/RN, Vol. 23 - Número 1: p. 118-130, 2020.

REY, A. *Usages, jugements et prescriptions linguistiques*. **Langue française**, n. 16, p. 4-28, 1972.

SANTOS, Helio de Sant'Anna. Eugenio Coseriu: uma mudança radical na Perspectiva Linguística. **Linguagem em (Re)vista**, Ano 09, Nos 17-18. Niterói, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28ª Ed. Editora Cultrix, São Paulo, 2012.

UCHÔA , Carlos Eduardo Falcão. Eugenio Coseriu no quadro da linguística moderna. **Confluencia**. Rio de Janeiro. N°55 – 2.º semestre de 2018 – Rio de Janeiro.

UCHÔA , Carlos Eduardo Falcão. Por que Coseriu? **Confluência**. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 15-38, junho 2021.